ESPECIAL PLACAR

A SAGA DA Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

Abril

fascículo 1 ◀ 1930 URUGUAI

A festa uruguaia

Este é o primeiro fascículo de uma série sobre o mais cobiçado troféu de futebol, a Taça Jules Rimet (conquistada em definitivo pelo Brasil em 1970, no México). Durante nove meses, até maio de 2006, você vai entrar no clima da Copa do Mundo da Alemanha acompanhando a história dos primeiros Mundiais. Nestas 48 páginas estão todos os detalhes da aventura vivida nos anos 1920 pelos dirigentes da Fifa (com o próprio Jules Rimet à frente) para viabilizar o sonho de realizar um torneio internacional de seleções – uma longa história até chegar ao Uruguai, sede da Copa de 1930. Um dos países mais ricos do mundo na época, nosso pequeno vizinho tinha no currículo o invejável bicampeonato olímpico (em 1924 e 1928) e não poupou esforços para organizar uma grande festa esportiva. Dividido em sete grandes reportagens, o trabalho de pesquisa conduzido por Max Gehringer mostra os primórdios da Fifa, as dificuldades para convencer os países europeus a enviar selecionados até a distante América do Sul, a disputa entre paulistas e cariocas pelo comando do futebol nacional, a dura viagem de navio, a festa em Montevidéu, a ressaca do Brasil após a eliminação na primeira fase e, é claro, o tabelão com todos os jogos, com escalações, gols e uma breve descrição de cada partida. Tudo ricamente ilustrado com fotos da época (como os ingressos reproduzidos acima). Para completar, duas fichas: uma com todos os integrantes da delegação brasileira (jogadores e comissão técnica) e outra com os 11 campeões (os uruguaios, que não desperdiçaram a vantagem de atuar em casa). Com tantas informações e curiosidades, você não apenas vai se deliciar com a saga da Jules Rimet como certamente vai guardar os fascículos, um verdadeiro documento histórico. Boa leitura e até o mês que vem, com tudo sobre a Copa de 1934, na Itália.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai 1930
Fascículo 2 Itália 1934
Fascículo 3 França 1938
Fascículo 4 Brasil 1950
Fascículo 5 Suíça 1954
Fascículo 6 Suécia 1958
Fascículo 7 Chile 1962
Fascículo 8 Inglaterra 1966
Fascículo 9 México 1970

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Crystian Cruz
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgílio Souza
Colaboraram nesta edição:
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Vatre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

Tão perto, tão longe

Desde os primórdios, quando nem era considerado um esporte sério, o futebol já encantava multidões. Mas o caminho para a realização da primeira Copa do Mundo era cheio de problemas

O futebol foi uma das atrações da segunda edição dos modernos Jogos Olímpicos, disputados em 1900, em Paris. Porque não era encarado como um esporte sério, como o atletismo, o futebol foi aceito mais como uma curiosidade, tanto que nem distribuiu medalhas. Na partida inaugural, um time inglês – o Uptown Park – derrotou por 4 x 0 um combinado francês, representando a União dos Esportes Atléticos daquele país. Três dias depois, os donos da casa golearam um selecionado da Bélgica por 6 x 2. E, para surpresa dos organizadores, os dois jogos atraíram milhares de animados torcedores. Esse sucesso de público entusiasmou os vizinhos belgas e franceses, que decidiram criar um órgão para organizar torneios entre seleções européias. Para tanto, porém, era imprescindível a adesão dos britânicos, praticamente os donos da bola na época. Sua federação – a Football Association, FA – já existia desde 1863 e eles ditavam as regras, por meio da International Board, um órgão da FA constituído em 1882. Mas os britânicos descartaram a idéia, por não verem "vantagens na formação de uma federação continental".

Apesar disso, em 21 de maio de 1904 nasceu a Fifa. Representantes de França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Suécia e Suíça (e de um time espanhol, o FC Madrid – mais tarde, Real Madrid) reuniram-se em Paris e elegeram o jornalista fran-

A primeira sede da Fifa, em Paris: para agradar os britânicos, nome metade francês e metade inglês

cês Robert Guérin, do *Le Matin*, como primeiro presidente da entidade. A Alemanha associou-se imediatamente e logo foi seguida por Áustria, Itália e Hungria. Como os fundadores mantinham a esperança de uma futura adesão britânica, a Fifa tem um nome metade francês – Fédération Internationale – e metade inglês – Football Association. Para alegria geral, a Inglaterra entrou para o grupo em abril de 1905, com a condição de que um filho da ilha assumisse a presidência, o que de fato ocorreu (o cargo foi ocupado por Daniel Burley Woolfall, entre 1906 e 1916).

Fazia todo sentido. Além de ter espalhado o futebol pelo mundo no século 19, a Inglaterra dominava totalmente o esporte nos primeiros anos do século 20. Entre 1906 e 1909, foram três memoráveis goleadas sobre a França: 15 x 0 em Paris (1906), 12 x 0 em Londres (1908) e 11 x 0 em Paris (1909). E, mesmo com equipes amadoras – o profissionalismo tinha sido instituído em 1885 –, a Inglaterra não encontrara empecilhos para se sagrar bicampeã olímpica em 1908 e 1912. Os britânicos também foram os primeiros a se exibir pelo mundo afora, inclusive na América do Sul. O Southampton veio ao Uruguai e à Argentina em 1904. Em agosto de 1910, o Corinthians Team, uma equipe amadora, disputou seis partidas no Brasil e venceu todas, marcando 38 gols e sofrendo apenas 6. Um dos jogos, no Rio, foi contra um combinado de paulistas e cariocas, com vitória dos ingleses por 5 x 2. Um mês depois, encantados com a magia da bola nos pés, paulistanos fundaram o Sport Club Corinthians Paulista.

Jules Rimet: o francês foi eleito presidente da Fifa em 1921 e tornou realidade o sonho da Copa

Um certo Jules Rimet

Em 1º de março de 1921, o advogado francês Jules Rimet, de 47 anos, foi eleito presidente da Fifa, posição que ele já ocupava interinamente desde 1918. Nascido na cidade de Thenley, em 23 de outubro de 1873, Rimet tinha sido um dos precursores do futebol fora do Reino Unido: em 1897, aos 24 anos, fundara o Red Star de Paris e, em 1910, assumira a presidência da Federação Francesa. Embora a Fifa contasse com apenas 20 países filiados, naquele início dos anos 20, um de seus projetos mais ambiciosos era a realização de um torneio mundial de futebol, independente dos Jogos Olímpicos. A idéia não era nova. Na verdade, ela já constava dos estatutos desde a fundação: o artigo 9 diz até hoje que só a Fifa pode organizar campeonatos internacionais.

A final da Olimpíada de 1928, em Amsterdã: o Uruguai bate a Argentina por 2 x 1 num jogo extra e é bicampeão

Mas o persistente Rimet seria o primeiro a tentar, seriamente, tirar essa idéia do papel e levá-la para a prática.

Depois dos Jogos de 1920, em Antuérpia, a Inglaterra (que já tinha seu futebol totalmente profissionalizado) se desinteressou pelo torneio olímpico. Isso deu chance a que outros países se destacassem nos gramados. Em Paris-1924, os europeus descobriram que também se jogava, e bem, no Novo Continente. O Uruguai e os Estados Unidos representaram as Américas e o primeiro, com um futebol ágil e de extrema habilidade, sagrou-se campeão com uma campanha arrasadora: 7 x 0 na Iugoslávia, 3 x 0 nos Estados Unidos, 5 x 1 na França, 2 x 1 na Holanda e 3 x 0 na final contra a Suíça, partida acompanhada por 60 000 espectadores. Quatro anos depois, Amsterdã-1928 viu um replay da proeza. Desta vez, a vitória foi sobre a Argentina, por 2 x 1, num jogo extra (a final terminou empatada). A camisa azul da Seleção Uruguaia virou a Celeste Olímpica.

Os craques quase imbatíveis da Celeste posam para foto: a decisão da Inglaterra de não participar do torneio olímpico abriu espaço para outros países se destacarem nos gramados e mostrou que também havia (bons) jogadores no Novo Continente, além de criar as condições para a realização de um Campeonato Mundial aberto não apenas aos atletas amadores, como se exigia nas Olimpíadas da época

No Congresso da Fifa em Amsterdã, em 26 de maio de 1928, ficou decidido que a Copa seria realizada de quatro em quatro anos

A decisão dos ingleses de sair da disputa, porém, gerou uma pequena dor de cabeça para a Fifa. Como os Jogos Olímpicos eram disputados apenas por amadores, os profissionais da Europa não podiam entrar em campo. Mas era óbvio que os amadores do Uruguai e de outros países não eram tão amadores assim. O futebol já atraía multidões, dispostas a pagar ingresso para ver seus ídolos em ação. Para formar grandes times, era preciso contar com os melhores jogadores (e a contrapartida óbvia era a compensação financeira que eles recebiam). A federação concluiu que a única maneira de equilibrar a disputa seria organizar um torneio aberto. Em 1924, um comitê encabeçado pelo francês Henri Delaunay foi encarregado de estudar a viabilidade de montar uma Copa Mundial de seleções. No Congresso da Fifa em Amsterdã, em 26 de maio de 1928, ficou decidido que ela seria realizada de quatro em quatro anos, nos anos pares entre as Olimpíadas. O resultado da votação foi de 23 votos a favor, 3 contra e 1 abstenção. Um comitê executivo foi formado para discutir os detalhes operacionais. Dele faziam parte, além do francês Delaunay, o austríaco Hugo Meisl, o alemão Karl Linnemann e o argentino Adrian Beccar Varela.

O Uruguai quer a Copa

Três anos antes dessa decisão, em 1925, num encontro em Genebra (Suíça), o embaixador do Uruguai para os Países Baixos, Enrique Buero, já manifestara a Jules Rimet o interesse de seu país em sediar a primeira Copa. Essa proximidade de Buero com Rimet garantiria ao diplomata uma das vice-presidências da Fifa e lhe daria espaço para manobrar politicamente para trazer o Mundial para a América do Sul. De fato, e até pela falta de concorrentes, o Uruguai saiu na frente.

Mas, apesar do interesse manifesto, nada de prático estava sendo feito em Montevidéu naqueles anos. Só em fevereiro de 1929, três meses antes da data marcada para a escolha do país-sede, dois dirigentes do Nacional, José Usera Bermudez e Roberto Espil, apresentaram à Federação Uruguaia um plano concreto, que incluía até a construção de um estádio. Poucos levaram a sério. Em 20 de fevereiro de 1929, o diário *El País* duvidava da viabilidade do projeto: "Essa possibilidade é remotíssima. Os investimentos são muito superiores às nossas forças e estamos tão distantes da Copa quanto do Pólo Sul". Como o Uruguai não está tão longe assim da Antártida... A Federação ignorou o ceticismo do jornal, o diretor Horácio Baqué vendeu a idéia aos países sul-americanos (conquistando a adesão de todos) e, com esse suporte, Enrique Buero lançou oficialmente a candidatura uruguaia no Congresso da Fifa em Barcelona, em 18 de maio de 1929.

Cinco países europeus também haviam se apresentado para sediar o Mundial do ano seguinte: Itália, Hungria, Holanda, Espanha e Suécia. Os quatro últimos logo desistiram para apoiar a Itália, que tinha no ditador fascista Benito Mussolini seu grande incentivador – afinal, ele queria usar a competição para fazer propaganda do regime. Mas o que realmente encantou a Fifa foi a proposta financeira dos uruguaios. Além de construir um estádio, eles se dispunham a pagar todas as despesas de viagem e alimentação dos participantes e ainda dar uma ajuda de custo de 75 dólares por pessoa, mais meio dólar por dia para "despesas menores". Por aclamação, o Uruguai levou a Copa. Embora justa, a decisão não provocou entusiasmo algum na Europa. A Itália decidiu não participar, o que provocou um efeito dominó.

A Copa de 1930 foi a única a não ter uma fase de classificação. A Fifa contava com 46 países filiados e enviou convites de participação para todos, imaginando, com certo otimismo, que metade responderia "sim". O Brasil, filiado desde 1923, aceitou, assim como a maioria das nações sul-americanas. Mas, em 30 de abril de 1930, data do encerramento das inscrições, nenhum dos 17 representantes da Europa havia aderido.

O desfile de abertura: 13 países, dos quais apenas quatro europeus, jogaram a primeira Copa

A Europa vai ou não?

Os britânicos – Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte – tinham se retirado da Fifa em 1928 (só retornariam em 1946), por discordar da política de semiprofissionalismo tolerada pela entidade. Hungria, Áustria e Tchecoslováquia, que já tinham futebol profissional, alegaram que os clubes não poderiam ficar dois meses sem seus principais atletas. Mas a maioria alegou dois sólidos motivos para não jogar: a nascente crise econômica mundial e a enorme distância até o Uruguai. Para os europeus, Montevidéu parecia mais longe que **Plutão**.

Em 18 de fevereiro de 1930, Clyde William Tombaugh, um astrônomo amador americano de 24 anos, anunciou ao mundo a existência de um novo planeta no Sistema Solar: Plutão, a 5 bilhões de quilômetros do Sol. Chamado inicialmente de Planeta X, mudou de nome para Plutão – o deus grego das profundezas, chamado em inglês de Pluto – num concurso mundial vencido pela menina inglesa Venetia Burney, de 11 anos.

O URUGUAI EM 1930

Viva o centenário

Além de bicampeão nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928, o Uruguai tinha também um motivo histórico para querer sediar a Copa: a comemoração dos 100 anos de sua primeira Constituição. Depois de quase dois séculos sob domínio espanhol, como parte do Vice-Reino de Buenos Aires, em 1817 o Uruguai foi anexado ao Brasil (por Portugal), tornando-se a Província Cisplatina. Até que, em 25 de agosto de 1825, o general Juan Antonio Lavalleja proclamou a independência, dando ao país seu nome atual: República Oriental do Uruguai. Cinco anos depois, em 18 de julho de 1830, o país jurou sua Constituição – e 100 anos mais tarde ela se tornou um dos argumentos para organizar a Copa.

Com apenas 170 000 quilômetros quadrados (60% da área do Rio Grande do Sul), o Uruguai contava 1,85 milhão de habitantes em 1930. Desse total, 480 000 viviam na capital, Montevidéu. Ao contrário do Brasil, o Uruguai era uma nação rica e estável. Por isso, foi menos afetado pelo *crash* econômico de 1929 (anos mais tarde, o país seria batizado de Suíça da América do Sul). As bases da economia eram a pecuária e o pastoreio – com foco na exportação de carne e de lã. No ano da Copa, 1 peso uruguaio valia 1 dólar.

Uruguaios comemoram o centenário da independência: pretexto para a Copa

Para completar o quadro, em 1930 as atenções da Europa estavam voltadas para os jogos finais da primeira edição da Copa Internacional, a bisavó da atual Eurocopa de seleções. Participaram cinco países – Itália, Suíça, Áustria, Tchecoslováquia e Hungria – e o torneio durou três anos (começou em 1927 e, em 11 de maio de 1930, a Itália se tornou a primeira campeã continental, ao bater a Hungria por 5 x 0 em Budapeste). Os uruguaios sabiam que a ausência dessas seleções – consideradas, juntamente com a Inglaterra, as maiores forças do Velho Continente – empobreceria tecnicamente a Copa. Por isso, numa última tentativa de tentar convencer os indecisos, os organizadores ainda se ofereceram para arcar com eventuais prejuízos que os clubes tivessem durante o período de inatividade. Mas a verdade é que os "indecisos" já estavam decididos a não viajar – e recusaram a oferta. Injuriado, o Uruguai ameaçou não só cancelar o Mundial como também abandonar a Fifa.

Os países europeus alegaram dois sólidos motivos para não jogar: a nascente crise econômica e a distância do Uruguai

Rimet vai à luta

Quando tudo parecia perdido, o presidente da Fifa arregaçou as mangas e convenceu alguns países da Europa a enviar seleções para o Mundial no Uruguai

Rimet: pressão em cima de franceses, belgas e romenos para impedir que a Copa fosse um total fracasso

No início de 1930, nenhum país europeu estava disposto a participar da Copa no Uruguai – e os anfitriões ameaçavam não apenas cancelar o Mundial como se desligar da Fifa. Jules Rimet sentiu que seu sonho de uma festa universal do futebol estava indo por água abaixo e que era preciso reverter a situação. Presidente licenciado da Federação Francesa, ele praticamente obrigou seu país a participar. Apesar disso, os dirigentes nacionais aceitaram passivamente os pedidos de dispensa de vários convocados. Seis dos titulares da Seleção rejeitaram o convite para ir a Montevidéu, entre eles a principal estrela, Manuel Anatol, do Club Racing de Paris. Espanhol de nascimento, mas naturalizado francês em 1928, Anatol era um médio com grande visão de jogo e uma velocidade espantosa (tinha sido recordista espanhol dos 100, 200 e 400 metros rasos). Rimet se conformou. Em suas memórias, confessou que "uma participação honesta" da França estava de bom tamanho.

Campeã olímpica em 1920, a Bélgica foi o segundo país europeu a confirmar participação, graças aos esforços de Rodolphe William Seeldrayers. Além de ser o presidente da Federação Belga e vice-presidente da Fifa, ele tinha sido, junto com os franceses Rimet e Henri Delaunay, um dos mais empenhados em viabilizar a Copa. Mas a Seleção também viajou sem seu prin-

A Seleção da Iugoslávia: irritados com a mudança de sede da federação, os croatas não jogaram

cipal jogador, Raymond Braine (irmão do capitão, Pierre Braine). Então com 23 anos, mas jogando pela equipe nacional desde os 17, Raymond foi cortado porque permitiu que seu nome fosse usado na divulgação comercial de um café, o que os dirigentes consideraram uma "atitude intolerável para um atleta amador".

Jules Rimet tomou então um trem de Paris a Bucareste, para convencer **Carol II** – que, aos 37 anos, havia acabado de assumir o trono da Romênia – a enviar uma seleção. O futebol romeno não era lá essas coisas, mas o rei era um reconhecido entusiasta (em seus tempos de príncipe, havia sido secretário-geral da federação). Sua Majestade não apenas selecionou pessoalmente os atletas como conseguiu com os patrões dos jogadores – quase todos empregados em empresas britânicas de petróleo – uma licença remunerada de dois meses.

Finalmente, sem pressões nem pedidos especiais, a Iugoslávia decidiu aceitar o convite da Fifa. Na época, a Iugoslávia era um reino – que durou de 1918 a 1941, mas que só recebeu essa denominação em 1929 – formado por Sérvia, Croácia, Eslovênia e outros territórios menores, todos governados pelo príncipe-regente Alexandre. Duas associações independentes, a da Sérvia e a da Croácia, disputavam o controle sobre o futebol local. Em 1929, a sede da FSJ, Federação Iugoslava de Futebol, havia sido transferida de Zagreb, na Croácia (onde estava instalada desde sua fundação, em 1919), para Belgrado, na Sérvia. Descontentes com a mudança, os croatas decidiram não ceder jogadores de seus clubes para a Seleção – e os sérvios resolveram participar sozinhos. Não foi uma disputa étnica, mas política (vários jogadores croatas que atuavam em clubes sérvios aceitaram a convocação). Sem tempo para uma preparação adequada, a Federação Sérvia decidiu mandar ao Uruguai não uma verdadeira seleção, mas praticamente um time – o SK, de Belgrado. Dos 11 jogadores que estrearam contra o Brasil na Copa, sete eram do SK. Para melhorar o nível do time, a Federação Francesa liberou três atletas que atuavam no país: Bek, Sekulic e Stevanovic. E a mãozinha da França se revelou providencial: Bek, do FC Séthe de Paris, marcou o segundo e decisivo gol iugoslavo na partida contra o Brasil.

Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, o rei Carol II abdicou do trono e, em 1947, já exilado, se casou pela terceira vez, no Rio de Janeiro, com a romena Elena Lupescu.

CARIOCAS versus PAULISTAS

Os dirigentes do Rio e de São Paulo brigavam para ver quem mandava mais no futebol. Os primeiros levaram a melhor, mas quando a Seleção embarcou para o Uruguai ninguém sabia o que esperar dos "cracks" verde-amarelos

Nossa preparação para a Copa de 1930 começou no ano anterior. Durante os jogos do Campeonato Brasileiro de 1929, a comissão técnica da CBD fez observações para escolher os atletas que representariam o Brasil no Uruguai. Os jornais apresentavam diariamente suas listas de "selecionados ideais". Evidentemente, os do Rio de Janeiro listavam mais cariocas e os de São Paulo, mais paulistas – mas tudo indicava que nossos melhores futebolistas estariam na Seleção. No dia 8 de maio de 1930, uma quinta-feira, foram feitos os primeiros treinos para peneirar os convocados. Em São Paulo, no campo da Associação Atlética São Bento, treinaram 33 jogadores do estado e quatro do Paraná, observados pelo técnico Píndaro de Carvalho. No Rio, treinaram 32 cariocas e fluminenses mais dois mineiros.

O primeiro treino conjunto foi marcado para 14 de maio, quarta-feira. Dois dias antes, a CBD enviou à Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), um telegrama com a lista dos paulistas convocados, que embarcaram no dia 13 pelo Nocturno, o trem das 10 da noite que chegava ao Rio na manhã seguinte. O treino terminou com a equipe branca vencendo a azul por 3 x 1. A branca tinha seis cariocas (Zé Luiz, Serafini, Ary, Doca, Prego e Teóphilo) e cinco paulistas (Nestor, Clodô, Pepe, Gogliardo e Petronilho). E a azul tinha seis paulistas (Grané, Del Debbio, Bizoca, Ministrinho, Heitor e Friedenreich) e cinco cariocas (Velloso, Benevenuto, Fortes, Nilo e Moderato). Na sexta-feira, 15 de maio, antes de embarcar de volta para São Paulo, os atletas passaram por uma bateria de exames médicos recomendados pela Fifa.

O segundo coletivo ocorreu uma semana mais tarde, na capital paulista. Foi na quarta-feira, 21 de maio, no campo do São Paulo da Floresta. A CBD mandou até trazer bolas da Argentina, supondo que elas seriam usadas na Copa, para que os jogadores se acostumassem com seu peso. As duas equipes eram basicamente as mesmas do treino anterior, mas cinco cariocas pediram dispensa, alegando não poder se ausentar do Rio: Russinho, Itália, Nilo, Fortes e Martim. Além deles, Paschoal, ponta-direita do Vasco, foi riscado da lista de convocados após comunicar à CBD que suas atividades profissionais não permitiriam que ele viajasse a Montevidéu (ou,

O escrete brasileiro que fez sua estréia na Copa de 1930 contra a Iugoslávia: depois de muita confusão, só jogadores de times cariocas foram a Montevidéu

A Praça da Sé: São Paulo era a cidade que mais crescia

nas dramáticas palavras do jogador ao jornal *A Crítica*: "Não posso deixar minha família sofrendo os martírios da fome").

O terceiro e último treino foi realizado nas Laranjeiras, no Rio, no dia 28 de maio. Alguns paulistas solicitaram dispensa, alegando questões de trabalho (todos eram amadores e, embora recebessem gratificações para jogar, dependiam do emprego). A CBD não estranhou nem negou os pedidos, até porque os que estariam ausentes já tinham sido observados.

Urge a concentração!

O prazo para a inscrição dos jogadores que iriam à Copa terminava no dia 1º de maio. Mas a Fifa não viu nenhum inconveniente em prorrogá-lo para 12 de junho. Isso porque vários países europeus ainda estavam sendo convidados para preencher a cota de 16 equipes. Na sexta-feira, 30 de maio, a *Folha da Manhã*, de São Paulo, reclamou que a CBD estava demorando muito para definir os 22 jogadores. E era sabido que muitos precisavam dessa definição, em papel timbrado, para conseguir licença no trabalho. No mesmo dia, igual preocupação foi estampada nas páginas de *O Globo*, do Rio: "Urge a concentração dos jogadores para o Campeonato Mundial!".

No fim de maio, a confederação havia solicitado que as associações do Rio (Amea) e de São Paulo (Apea) suspendessem os campeonatos regionais, que estavam em andamento, durante o período de ausência dos atletas. Uma semana depois, no dia 6 de junho, a Apea respondeu que o Campeonato Paulista seria suspenso no dia 15 e o presidente da CBD, Renato Pacheco, por telegrama, elogiou a decisão. Na mesma semana, a Apea publicou nos jornais paulistanos o balanço financeiro de suas atividades de 1929. E nele se destacava, de longe, o futebol, que arrecadara 688 000 contos de réis. Evidentemente, um bom desempenho dos jogadores paulistas na Copa do Mundo faria esse faturamento aumentar mais ainda

O BRASIL DE 1930

Movido a café

Em 1930, o Brasil era um país agrícola: dos 37,6 milhões de habitantes, 70% viviam na zona rural. A base de nosso comércio internacional era o café (80% do total exportado). Minas Gerais era o estado mais populoso (7 milhões), seguido por São Paulo (5,9 milhões). O Rio de Janeiro reluzia. Além de ser a capital havia 137 anos, a cidade era também o principal centro financeiro, social, cultural e artístico da nação. Mas a ascensão econômica de São Paulo havia permitido que uma oligarquia cafeeira paulista assumisse o comando político do país. O rápido crescimento de São Paulo trouxe consigo uma sadia rivalidade com o Rio.

Na época, a inflação anual era de 6% e o salário de um operário, de 240 000 réis. Como hoje, mal dava para viver: 1 quilo de arroz custava 800 réis e 1 litro de leite, também. Mais de 60% dos municípios brasileiros não tinham iluminação elétrica pública. Pior, perto de 80% não dispunham de água encanada nem rede de esgotos. Na contramão da pobreza nacional, o edifício Martinelli, em São Paulo, foi inaugurado em 1929, tornando-se o prédio mais alto da América do Sul – 130 metros e 30 andares. Nas artes, Carmen Miranda, 21 anos, gravou "Tahy". Noel Rosa, 19, compôs "Com Que Roupa?", e Carlos Drummond de Andrade, 27, lançou seu primeiro livro, *Alguma Poesia*. Em 12 de dezembro, nascia no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, o robusto garoto Senor Abravanel, o futuro apresentador de TV Silvio Santos.

Como conseqüência da Grande Depressão, iniciada com a quebra da Bolsa de Valores americana em 24 de outubro de 1929, o comércio mundial sofreu uma brusca e repentina queda de 60%. O Brasil, dependente das exportações, foi um dos países mais atingidos. O preço mundial da saca de 60 quilos de café despencou de 200 000 réis em agosto de 1929 para 21 000 réis em janeiro de 1930. A crise atingiu toda a economia e mais de 500 empresas faliram no Rio e em São Paulo. As que sobreviveram diminuíram a jornada de trabalho para três dias semanais. Como não existiam leis trabalhistas impedindo reduções salariais, a remuneração média caiu entre 40% e 50%. Em 1930, já havia 2 milhões de desempregados, quase 20% da população urbana. Poucas atividades escaparam da crise – uma delas foi o futebol. Infelizmente, o bairrismo – o lado burro da rivalidade entre paulistas e fluminenses – foi o principal responsável pelo fracasso do futebol nacional na primeira Copa do Mundo.

ENQUANTO ISSO, NO BRASIL...

1930

1º de março - O paulista Julio Prestes é eleito presidente com 1 092 000 votos, contra 737 000 para o gaúcho Getúlio Vargas. Votam apenas 10% dos brasileiros maiores de 18 anos, porque os analfabetos – a maioria da população – não têm esse direito.
16 de julho - O papa Pio XI, Achille Ratti, proclama Nossa Senhora Aparecida a Padroeira do Brasil.
26 de julho - João Pessoa, presidente do estado da Paraíba e candidato a vice-presidente da República na chapa da Aliança Liberal, encabeçada por Getúlio Vargas, é assassinado a tiros pelo jornalista João Dantas, no Recife. O crime é o resultado de uma briga de oligarquias do Nordeste – mas uma versão popular garante que a causa é passional, já que João Pessoa estaria tendo um caso com Anayde Beiriz, a namorada de Dantas. O assassinato é o estopim para a revolução que vai eclodir três meses depois e derrubar o presidente Washington Luiz. Tão grande é a comoção que, logo após o crime, a cidade de Parahyba do Norte, capital do estado, muda de nome para João Pessoa.
7 de setembro - No célebre concurso internacional de beleza, organizado no Rio de Janeiro pelo jornal carioca *A Noite*, a gaúcha (de Pelotas) Yolanda Pereira é coroada Miss Universo, após uma acirrada disputa com Fernanda Gonçalves, Miss Portugal.
3 de outubro - Começa no Rio Grande do Sul a revolução liderada por Getúlio Vargas.
24 de outubro - O presidente Washington Luiz é deposto pelas Forças Armadas e uma junta militar assume provisoriamente o poder.
3 de novembro - Getúlio Vargas toma posse como chefe do governo provisório.
11 de novembro - O Congresso Nacional é dissolvido. Começa a ditadura Vargas, que vai durar até 1945.

Getúlio (o segundo à dir.): derrota nas urnas, revolução, poder e ditadura

em 1930. Logo, o bom senso indicava que não havia nenhum motivo para a associação impedir que eles viajassem ao Uruguai. Ao contrário, havia muito interesse nisso.

Em 26 de maio, o presidente da Apea, Elpídio de Paiva Azevedo, havia enviado um ofício, cobrando o presidente da CBD: "Peço a atenção de V. Excia. para o fato de ainda não ter sido escalado nenhum dos membros da Apea para fazer parte da comissão encarregada de formar o Selecionado Nacional, o que não só julgamos como direito...". A mensagem era clara, mas ninguém imaginou que ela pudesse levar a atitudes extremas. Tanto que, até o dia 11 de junho, nenhum jornal, do Rio ou de São Paulo, deu destaque à solicitação.

Então, na tenebrosa sexta-feira 13 de junho, a bomba explodiu: os jogadores paulistas, que deveriam ter-se apresentado no Rio na véspera, para o início do período de concentração, simplesmente não tinham aparecido. Exatamente à meia-noite do dia 12 esgotava-se o prazo de inscrição junto à Fifa. E o presidente da CBD, Renato Pacheco, fez o que achou prudente fazer para não perder a vaga na Copa: enviou uma relação sem os paulistas. Feita às pressas, a lista incluía até o vascaíno Paschoal que já havia sido dispensado da Seleção.

Conspiração ou confusão?

Estaria a Apea conspirando contra a CBD? Como se viu nos dias seguintes, a confusão começou com um documento, o ofício número 883 da CBD. Ele requisitava que 15 jogadores paulistas – Friedenreich, Araken, Heitor, Filó, Grané, Athiê, Petronilho, Del Debbio, Amilcar, Clodô, Serafini, Nestor, Pepe, Luizinho e De Maria – se apresentassem no Rio no dia 12. Lá, eles se juntariam aos oito cariocas convocados – Joel, Itália, Fausto, Nilo, Russinho, Carvalho Leite, Prego e Moderato. Mas o ofício da CBD só chegou a São Paulo na terça-feira, dia 11 (datado de 7 de junho, quinta, o documento só foi postado no Rio na segunda, 9). E a Apea, por telegrama, respondeu na tarde do dia 11 que o prazo de apenas um dia era insuficiente para resolver as questões burocráticas junto aos empregadores dos atletas. Prevendo essa dificuldade, o tesoureiro da CBD, Samuel de Oliveira, havia ligado no sábado (7) para a Apea. Mas o dirigente paulista que o atendeu – Ennio Alves – não entendeu que no dia 12 começaria um longo período de afastamento. Numa última tentativa de contornar o impasse, no próprio dia 12 a CBD passou um novo telegrama pedindo que os paulistas embarcassem para o Rio em "qualquer trem possível".

No dia seguinte, a Apea ainda tentou argumentar que havia outro ofício da CBD – o de número 586, emitido em 25 de abril – que fixava o início da concentração para 15 de junho, e não 12. Mas já era tarde: no dia 13, a maior parte da imprensa carioca atacou a "falta de patriotismo dos paulistas". O jornal *A Noite* fez uma pesada crítica ao "regionalismo paulista, impatriótico e pernicioso". *O Globo* censurou as "imposições absurdas" da Apea e elogiou a "altivez necessária" do presidente da CBD. Ofendidos, os jornalistas paulistas bateram de volta no dia 14. O caldo, definitivamente, havia entornado.

Na esperança de que ainda havia uma possibilidade de ins-

A Fifa mandou um telegrama para confirmar se a lista de jogadores estava certa. Havia tempo para negociar, mas faltou boa vontade

crever os paulistas, em 13 de junho a Apea enviou para a CBD o ofício 1 239, que dizia: "A Apea mantém para com a CBD os compromissos de filiada que sabe cumprir com os seus deveres. E só aguarda as providências da CBD para resolver as dificuldades". Se a mensagem parasse por aí, haveria boas chances de reconciliação. Mas o ofício prosseguia e mencionava novamente "a indicação de um representante que auxiliasse na seleção dos elementos paulistas". Segundo Elpídio de Paiva, esse auxílio ajudaria a evitar surpresas, como a ausência na lista de convocados de Feitiço, o melhor jogador paulista em atividade naquele momento. Mas o ofício nem bem havia chegado à CBD e o presidente Renato Pacheco já estava dando declarações de que pretendia "punir severamente a Apea".

No dia 15, no treino dos jogadores cariocas e fluminenses, os reservas aplicaram uma goleada nos titulares e os ânimos gerais se exaltaram ainda mais. *O Globo* acusou: "Vejam como é diferente o patriotismo brasileiro do patriotismo paulista. Quanta dignidade de um lado, e quanta miséria moral do outro". No dia 18, Pacheco enviou o caso para o Conselho de Julgamento da CBD e, irritado, deu uma entrevista definitiva: "Cariocas e fluminenses, irmanados, representarão a grandeza de seu patriotismo. Considero o assunto encerrado e qualquer acordo ou mediação é inoportuno". Apesar das verborragias comuns ao estilo da época, a verdade é que ainda faltavam 15 dias para o embarque, tempo mais do que suficiente para resolver a situação. Já meio desesperada com a ausência dos europeus, a Fifa certamente não se importaria em rasgar a lista da CBD e aceitar uma nova relação de nomes.

E partiu da Apea a iniciativa de, finalmente, propor uma reunião cara a cara, a coisa mais lógica do mundo (mas, vale lembrar, até então a zaragata tinha sido conduzida por meio de ofícios, telegramas e entrevistas a jornais). No dia 25 de junho, três dirigentes da Apea – Luiz de Barros, Caio Pereira de Souza e Raul Pontual – foram à sede da CBD e se reuniram com o estado-maior da casa: o presidente Renato Pacheco, o diretor Sylvio Netto Machado, o tesoureiro Samuel de Oliveira, o médico Vinel de Moraes e os integrantes da comissão técnica – Píndaro de Carvalho, Egas de Mendonça e Gilberto de Almeida Rêgo. Na reunião, os paulistas repetiram a ladainha. Queriam um membro na comissão técnica, "com poderes gerais e conhecidos". Já a CBD fez uma contraproposta: se a Apea liberasse imediatamente os jogadores, um de seus dirigentes poderia seguir junto com a delegação para Montevidéu, mas apenas como acompanhante.

Os representantes da Apea pediram tempo para pensar e, à noite, o presidente Elpídio de Paiva, que havia ficado em São Paulo, telefonou para Pacheco. É incrível, mas foi a primeira e única vez que os dois dirigentes trocaram palavras durante a crise. Em teoria, havia um motivo para não terem falado antes: em 1930, não existia o DDD (que só surgiria 40 anos depois) e uma chamada interurbana podia levar horas para ser completada. Mas, na prática, sempre havia um jeito de a telefonista apressar a ligação. A tão esperada conversa durou pouco e não deu em nada: Elpídio não abria mão do técnico paulista, Pacheco não abria mão da autoridade. E fim de papo.

Mais prazo para a lista

Ironicamente, dois dias depois, em 27 de junho, a Fifa mandou um telegrama para a CBD perguntando se a lista de jogadores estava confirmada. Quer dizer, ainda dava para retomar as negociações, se houvesse boa vontade. Mas não houve. E, no dia 28, descobriu-se que não apenas os jogadores paulistas estavam fora da Seleção: os jornalistas também. À noite, no Salão Nobre do Botafogo, a CBD ofereceu um "jantar de despedida para a imprensa brasileira", mas apenas os jornais cariocas, solidários com a CBD, foram convidados.

Feitiço jogou três vezes pela Seleção em 1928 e 1929 e fez seis gols, mas não viajou com a delegação: o craque, que foi seis vezes artilheiro do Campeonato Paulista, estava no auge da forma e foi uma de nossas ausências mais sentidas

No último treino em solo brasileiro, em 29 de junho, os titulares venceram os reservas por 4 x 0, gerando uma onda de otimismo no Rio. Mas não em São Paulo. Dali em diante, quem lia os jornais das duas maiores cidades do país pensava que duas seleções diferentes estavam no Uruguai. Os cariocas enfatizavam o respeito e a admiração que os demais países tinham pelos "cracks" nacionais. O jogador Hermógenes, em entrevista ao diário *A Crítica*, até declarou, na véspera da estréia contra a Iugoslávia: "Fiquem certos: voltaremos campeões do mundo!". Já os paulistas preferiam antecipar em suas páginas o desastre iminente que aguardava nossa Seleção.

Logicamente, o resto do Brasil não entendia o que estava acontecendo, e se perguntava: qual seria o grande problema em a CBD permitir a presença de um paulista na comissão técnica? Ou, mesmo após a recusa da CBD, por que a Apea não liberava seus jogadores, já que o critério de convocação havia sido técnico, e não político? Afinal, dos 23 jogadores chamados inicialmente, 15 eram de São Paulo. Para se respaldar, no dia 27 de junho o presidente Renato Pacheco procurou o ministro das Relações Exteriores, o baiano Octavio Mangabeira, e solicitou apoio para a Seleção – na forma de uma verba, já que as despesas orçadas chegavam a 500 contos de réis (e comentou-se também que a CDB pediu que o governo federal fizesse uma intervenção na Apea). Depois de procrastinar por alguns dias, enquanto aguardava o desfecho do bate-boca, em 2 de julho Mangabeira finalmente comunicou a Pacheco a decisão do presidente **Washington Luiz**: "Sua Excelência considera que o assunto não é de interesse do governo".

Washington Luiz (*no carro*): sem apoio para a Seleção

A decisão presidencial de não dar apoio financeiro à Seleção para a Copa de 1930 pode ter sido uma questão de prioridades – o governo enfrentava sérios problemas políticos – ou apenas conseqüência do fato de que Washington Luiz era fluminense de nascimento, mas havia feito carreira política em São Paulo. De qualquer forma, ele foi o primeiro e único governante a ignorar os efeitos benéficos de uma Copa do Mundo para o povo em geral e os políticos em particular.

O atleta amador mais famoso do país, Friedenreich, e o maior craque paulista da época, Feitiço, ficaram fora da Copa do Mundo

Tristes ironias

Mais estranhamente ainda, após usar nas discussões com a Apea o argumento de que a comissão técnica tinha três membros nomeados e não poderia ser aumentada, a CBD convidou o técnico do Fluminense, Luiz Vinhaes, para integrá-la. Vinhaes (que seria o técnico do Brasil na Copa de 1934) só não viajou porque não recebeu autorização do presidente do clube, Arnaldo Guinle. No domingo, 6 de julho, o barco Florida, que levava a Seleção da Iugoslávia para o Uruguai, fez uma escala no Rio. O chefe da delegação, Mihailo Andrejevic, explicou aos jornalistas as dificuldades que teve para montar a equipe, formada apenas por atletas da Sérvia, já que a liga croata havia se recusado a ceder jogadores. Para os ouvidos ali presentes, as declarações soaram tristemente familiares. E, encerrando o ciclo de ironias, foi só em 7 de julho (o dia do sorteio dos grupos, quando quase todas as seleções já estavam no Uruguai) que a Argentina enviou à Fifa a lista

Friedenreich: levantamentos recentes mostram que ele fez o impressionante número de 554 gols em 561 jogos

Como tudo começou

Desde 1906 combinados brasileiros jogavam, mas a Seleção só "estreou" em 1914

No dia 8 de junho de 1914, oito entidades esportivas cariocas (entre elas o Aero Club, o Jockey Club, o Automóvel Club e a Liga Metropolitana de Sports Atléticos) se reuniram na sede da Federação de Remo e fundaram a Federação Brasileira de Sports, a FBS. É por causa da data de criação da FBS que se convencionou que a primeira partida oficial da Seleção Brasileira ocorreu no mês seguinte – em 21 de julho de 1914, contra o Exeter City, uma equipe inglesa da região de Devon. O time fazia parte da Liga Regional do Sul e só em 1920 entraria na associação principal, a FA, na terceira divisão. Mas, nos idos de 1914, mesmo uma equipe sem expressão do futebol inglês falava grosso.

Entre 14 de junho e 12 de julho, o Exeter City disputou sete jogos na Argentina, vencendo cinco, empatando um e perdendo um. O feito deu origem a um convite para três partidas no Rio. Em cinco dias, o Exeter venceu cidadãos ingleses que atuavam em clubes cariocas por 3 x 0 e um combinado carioca por 5 x 3. No terceiro jogo, derrota para um misto de cariocas e paulistas por 2 x 0, gols de Oswaldo Gomes (do Fluminense) e Osman (do América). Essa foi a estréia "oficial" da Seleção, até hoje bastante contestada fora do país, já que, entre 1906 e 1914, vários combinados brasileiros haviam disputado jogos internacionais. Em 1908, por exemplo, em disputa que a Associação de Futebol Argentina considera oficial e a CBF não, vitória deles por 4 x 0.

A recém-criada FBS logo teve sua legitimidade contestada: em 1915 já havia em São Paulo uma Federação Brasileira de Futebol, a FBF, que também se propunha a conduzir os destinos do esporte no país. E, no mesmo ano, a FBF conseguiu se associar à Federação Sul-Americana. Seguiram-se muitos desentendimentos entre cariocas e paulistas e várias tentativas frustradas de pacificação, até que, em 21 de junho de 1916, as duas cidades finalmente concordaram com a extinção da FBS e da FBF para criar a Confederação Brasileira de Desportos, presidida por Álvaro Zamith. A nova CBD passou a ter sede no Rio – e promessas de participação ativa foram feitas aos dirigentes de São Paulo (mas a verdade é que os paulistas jamais conseguiram apitar nada). Em maio de 1923, a Fifa reconheceu oficialmente a CBD como sua filiada brasileira.

A partir de 1923, a CBD começou a promover o Campeonato Brasileiro de Seleções – que, invariavelmente, terminava com um jogo entre paulistas e cariocas. Mas havia um pequeno senão: o regulamento estipulava que a partida final fosse sempre realizada no Rio. Em 1928, São Paulo propôs uma fórmula que considerava mais justa: uma série melhor de 4 pontos, com jogos nos dois estados. A CBD agradeceu e recusou a proposta. Em represália, os paulistas decidiram não participar do Campeonato de 1928. O Rio foi campeão, vencendo facilmente o Paraná na final, por 5 x 1, mas ficou claro que, sem a decisão Rio x São Paulo, não havia graça.

Por isso, em 1929, a CBD cedeu à pretensão. Na série decisiva, os cariocas venceram um jogo (3 x 1, em São Januário), houve um empate (3 x 3, no Parque Antarctica) e os paulistas ganharam dois (4 x 1, nas Laranjeiras; e 4 x 2, no Parque São Jorge), sagrando-se campeões. A conquista dentro do campo deu aos paulistas a impressão de que poderiam pleitear uma participação maior também fora dele, no comando da CBD. A primeira demanda foi um posto na comissão técnica da Seleção. Essa singela pretensão, como se sabe hoje, se transformou num barril de pólvora.

De 1914, quando fez sua primeira partida oficial, até estrear na Copa de 1930, a Seleção havia disputado 39 jogos contra apenas quatro países. E a campanha era apenas regular: 16 vitórias, 8 empates e 15 derrotas. Dessas 39 partidas, a grande maioria (26) tinha sido contra argentinos ou uruguaios. No confronto direto contra o Uruguai, perdíamos feio: 6 derrotas, 2 empates e 2 vitórias (8 gols marcados e 21 sofridos). Contra a Argentina, o retrospecto era um pouco melhor, mas longe de ser animador: 5 vitórias, 3 empates e 8 derrotas (21 gols a favor e 29 contra). Além disso, o Brasil só havia jogado contra Paraguai (8 vezes) e Chile (5). E aí o cartel era respeitável: 9 vitórias, 3 empates e só 1 derrota (Paraguai).

Por tudo isso, o Brasil era considerado a terceira força da América do Sul, atrás de Argentina e Uruguai. Nesses dois países, o esporte havia chegado na década de 1860, bem antes que aqui (em 1894, trazida por Charles Miller, um paulistano filho de escoceses que estudara em Southampton, na Inglaterra). O primeiro torneio nacional – o Paulista de 1902 – só foi realizado 11 anos depois que o Saint Andrews, um colégio de origem escocesa, venceu o primeiro Campeonato Argentino, em 1891. O Brasil até tinha algum prestígio na Europa, graças a um clube, o Paulistano. Numa excursão, em 1925, o time estreou contra a França e, para surpresa geral, venceu por 7 x 2, com 3 gols de Friedenreich. Depois, foram mais 9 jogos e 8 vitórias, na França, na Suíça e em Portugal. Mas Friedenreich e seus companheiros não foram à Copa do Uruguai.

O FOOTBALL

SEMANARIO DOS SPORTS

O scratch Brasileiro de amadores vence por 2 x 0 o team dos profissionaes inglezes do Exeter-City

Primórdios: em julho de 1914, um combinado de cariocas e paulistas bateu o "poderoso" Exeter, que jogava numa liga regional inglesa

A Seleção Brasileira era uma grande incógnita, porque não fez nenhum jogo-treino antes de partir para o Uruguai

Russinho em foto de divulgação do prêmio Maior Crack Brasileiro, vencido por ele em 1930: o goleador do Campeonato Carioca estava na Seleção, mas apesar do prestígio, não foi escalado para o jogo de estréia e o Brasil perdeu

Argentina enviou à Fifa a lista oficial de sua delegação.

Assim, o mais famoso jogador da fase amadora do futebol brasileiro ficou ausente da Copa. Apesar do nome, Arthur Friedenreich era um mulato de olhos verdes, filho de Matilde, uma lavadeira negra, e de Oscar, um comerciante alemão. Friedenreich completaria 38 anos em 18 de julho de 1930, mas ainda estava em boa forma, tanto que havia sido o artilheiro do Campeonato Paulista de 1929 – versão Liga Amadora de Futebol – com 16 gols, jogando pelo Paulistano. Seria ainda vice-artilheiro do Campeonato Paulista de 1930, disputado após a Copa, com 32 gols, e só encerraria a carreira em 1935, aos 42 anos, no Flamengo (pelo qual fez apenas quatro jogos, mas nenhum gol). Embora exista a lenda de que Friedenreich marcou 1 329 gols – mais do que Pelé, que fez 1 281 –, levantamentos recentes revelaram um número mais realista, porém ainda notável, de 554 gols em 561 partidas.

Mais até do que Friedenreich, o grande desfalque paulista da Seleção de 1930 foi Feitiço, atacante do Santos e goleador máximo dos campeonatos estaduais de 1929 e 1930 (quando estabeleceu um recorde de 37 gols em 26 jogos). Com 28 anos e no auge da forma, Luis Macedo Matoso, o Feitiço, foi seis vezes artilheiro paulista e a ele se deve o surgimento do próprio termo artilheiro em nosso futebol. A palavra havia sido importada pela imprensa paulista do Uruguai, onde era o apelido de Pedro Petrone, El Artillero, centroavante da Seleção campeã olímpica em 1924 e 1928 (e reserva em 1930). Inicialmente aplicado apenas a Feitiço, depois o termo se tornou a palavra genérica para o máximo goleador de um torneio. Nos quatro jogos amistosos que a Seleção Brasileira fez em 1928 e 1929, Feitiço participou de três, marcando 6 gols.

Mesmo no Rio a lista final de convocados provocou controvérsias. "O selecionado da CBD não representava nem o máximo do valor do futebol carioca", escreveu o jornalista Thomaz Mazzoni após a Copa. Embora o Fluminense tivesse o maior número de jogadores na Seleção, o então campeão era o Vasco, que vencera na final o América por 5 x 0, em 24 de novembro de 1929. O forte ataque vascaíno havia feito 60 gols em 23 jogos, mas, de seus cinco integrantes (Paschoal, Oitenta-e-Quatro, Russinho, Mario Mattos e Santana), apenas Paschoal e Russinho foram chamados – e só Russinho de fato foi à Copa. Ele havia sido o goleador do Campeonato Carioca com 23 gols, junto com Telê, do América (não convocado). Em 1930, Russinho venceu dois concursos de popularidade: o de Maior Crack Brasileiro, numa promoção dos cigarros marca Veado – cada maço trazia um cupom que dava direito a um voto – e o de Leader dos Footballers Brasileiros, promovido pelo suplemento esportivo *Estádio*, da revista *O Cruzeiro*. Mas, mesmo com tamanho prestígio, ele não foi escalado para a estréia na Copa.

A querela entre paulistas e cariocas foi tão acirrada que, diante da ausência dos primeiros, a CBD nem cogitou chamar jogadores de outros estados. Até os quatro paranaenses (Borba, Ninho, Pizzato e Cuca) e os dois mineiros (Brant e Mario Castro) que haviam sido convocados para os treinos de maio acabaram solenemente esquecidos. Mas, bairrismos à parte, ninguém sabia realmente como a Seleção se comportaria no Uruguai. Isso porque o Brasil não fez nenhum jogo-treino antes da Copa. O último amistoso tinha sido disputado um ano antes, em 10 de julho de 1929, vitória sobre o Ferencvaros (clube húngaro que excursionava pela América do Sul) por 2 x 0, gols de Feitiço (do Santos) e Petronilho (do Independência-SP). Mas apenas cinco jogadores que participaram desse jogo embarcaram para Montevidéu no ano seguinte.

Milhares foram ao porto recepcionar os jogadores: para agradar os franceses, a banda tocou a "Marselhesa"

Rumo a Montevidéu

O Brasil foi de carona. O México viajou 4 000 quilômetros de trem e mais 18 dias num navio. E Bolívia e Paraguai só decidiram na véspera do sorteio que iam mesmo jogar

Assim que os países europeus disseram "sim" e a realização da Copa do Mundo foi confirmada, chegou a hora de preparar a viagem até o Uruguai. Os brasileiros poderiam ter feito parte do trajeto de avião, pois em 1929 chegara ao país a **NYRBA** (iniciais de New York-Rio-Buenos Aires). Os vôos iam do Brasil para a Argentina (e de lá para os Estados Unidos) e esse é o trecho que nossos atletas poderiam ter feito por via aérea. Mas a CBD preferiu ir a Montevidéu por mar, aproveitando a passagem do Conte Verde, o navio que trouxe as delegações européias para a América do Sul.

Em 1930, a NYRBA passou para o controle da Pan American, dos Estados Unidos. Mudou de nome para Panair do Brasil e foi a maior empresa aérea nacional pelos 20 anos seguintes.

Já os europeus vieram de navio por falta de alternativas. Apesar dos progressos da aviação, em 1930 ainda não havia transporte aéreo regular para o continente sul-americano. Apenas dois meses antes da Copa, em 12 de maio, a empresa francesa Aéropostale tinha estabelecido a primeira ligação comercial entre Saint-Louis, no Senegal, e Natal, no Rio Grande do Norte. A viagem durou 19 horas e o piloto Jean Mermoz e mais dois ajudantes transportaram 130 quilos de correspondência a bordo de um avião Laté-28 – que pousava na água. O transporte aéreo de passageiros parecia ficção (tanto que, até 1937, os zeppelins alemães, balões e não aviões, seriam a grande sensação do ar). Mas os zeppelins transportavam um número reduzido de passageiros e o preço da passagem só era acessível a milionários, categoria que, na época, não incluía os futebolistas.

Em 20 de junho de 1930, uma sexta-feira, o navio italiano Conte Verde zarpou de Gênova com a delegação da Romênia a bordo. No dia seguinte, fez escala em Villefranche-sur-Mer, na França, onde embarcaram os franceses e os dirigentes da Fifa, entre eles Jules Rimet. A parada seguinte foi em Barcelona, onde entraram os belgas, que tinham ido de trem até a Espanha. Depois, houve paradas técnicas em Lisboa, na Ilha da Madeira e nas Ilhas Canárias, antes de chegar ao Rio de Janeiro, onde os brasileiros subiram a bordo. Após dois dias de descanso na cidade, que incluíram uma visita das seleções estrangeiras às

Laranjeiras, estádio do Fluminense (e, segundo as fofocas, uma noitada inesquecível nos cabarés cariocas), o Conte Verde zarpou no final da tarde de 2 de julho. Araken, o paulista solitário, subiu a bordo em Santos. Por problemas particulares, o técnico Píndaro de Carvalho e os jogadores Joel e Teóphilo só se juntaram ao grupo uma semana depois – eles chegaram a Montevidéu em 6 de julho, no Almanzora, um transatlântico britânico com capacidade para 1 390 passageiros que fazia a rota de Southampton até o Rio da Prata.

Ginástica e diversão

A Iugoslávia preferiu viajar no Florida, navio menor e mais lento, usado principalmente como correio transatlântico. Os iugoslavos embarcaram no porto francês de Marselha em 17 de junho e chegaram a Montevidéu 21 dias depois, em 8 de julho – apenas seis dias antes de estrear na Copa. No Florida, havia pouco espaço para trabalhos de preparação física e os jogadores fizeram apenas ginástica tipo polichinelo, para tentar manter a forma. Já o espaçoso convés do Conte Verde (que tinha 174 metros de comprimento por 30 de largura) permitiu que franceses, romenos e belgas pudessem se exercitar de várias maneiras – inclusive em corridas com saltos sobre cadeiras enfileiradas ao longo do convés.

Mas também havia tempo para diversão: durante a viagem, um concurso de dança, aberto a todos os passageiros, foi vencido pelos pés-de-valsa franceses. Na manhã de 5 de julho o Conte Verde chegou ao porto de Montevidéu e foi recebido com festa por 10 000 uruguaios. Tempo total da viagem: 15 dias. Atraso em relação ao tempo previamente estimado: 30 minutos. No momento do desembarque da delegação, uma banda de marinheiros executou o hino da França, a "Marselhesa".

De todos os participantes, os mexicanos fizeram o percurso mais sacrificado. Primeiro, uma fatigante viagem de trem (quase 4 000 quilômetros) da Cidade do México até Hoboken, um porto em Nova Jersey, na costa leste dos Estados Unidos. Lá, embarcaram com a delegação americana no navio SS Munargo. A viagem por mar até Montevidéu levou 18 dias, de 13 de junho a 1º de julho. No dia 27 de junho, o Munargo fez escala no Rio. Os mexicanos aproveitaram para treinar em General Severiano, campo do Botafogo, e os americanos bateram uma bolinha nas Laranjeiras.

Jules Rimet e o húngaro Maurice Fischer haviam decidido fazer o sorteio dos grupos só depois do desembarque de todas as delegações em Montevidéu, para evitar más surpresas de última hora. E elas por muito pouco não aconteceram. Na Bolíva, no final de junho, estourou mais uma das incontáveis revoluções da história do país. O presidente Hernán Siles Reyes foi deposto por um golpe militar encabeçado pelo general Carlos Blaco Galindo. A Federação Boliviana só tomou a decisão de ir à Copa no dia 6 de julho, véspera do sorteio. No Paraguai, o problema era dinheiro. A federação local havia solicitado que o Congresso liberasse uma verba, mas a decisão favorável dos deputados e senadores só ocorreu, como no caso da Bolívia, no dia 6 de julho.

DE OLHO NA TAÇA

Até no banheiro

Durante toda a viagem da França ao Uruguai, Jules Rimet não se separou de sua valise nem para ir ao banheiro. Dentro dela estava a preciosa taça de ouro, a Copa do Mundo. Logo após desembarcar em Montevidéu, ele exibiu pela primeira vez a *Victoire aux ailes d'or*, Vitória com asas de ouro. Com 30 centímetros de altura e pesando 4 quilos (sendo 1,8 quilo de ouro maciço), o troféu foi montado sobre um pedestal de lapis lazuli. A taça custou 50 000 francos (o equivalente a 14 500 dólares, uma fortuna para a época, dinheiro suficiente para comprar uma frota de automóveis Mercedes-Benz) e foi criada pelo escultor francês Abel Lafleur (1875-1953), funcionário do Museu de Belas Artes de Rodez. Por sorte, Rimet encomendou o trabalho com um ano de antecedência. Lafleur, pouco acostumado a trabalhar com ouro, consumiu mais de sete meses na confecção da peça.

A hora da verdade

Finalmente, com 10 dos 13 países em solo uruguaio (além de Bolívia e Paraguai, faltava ainda a Argentina, que só chegou no dia 8), a Fifa se reuniu na noite de 7 de julho para o sorteio. Participaram Rimet, Fischer, o presidente da Federação Uruguaia, Raúl Jude, e o representante da Fifa para a América do Sul, o peruano Manuel Seoane. Os quatro apontaram como cabeças de chave Uruguai, Argentina e Brasil. O quarto grupo seria bicéfalo: Paraguai e Estados Unidos. Os americanos mereceram tal honra devido à aparente força de sua Seleção, que incluía alguns jogadores profissionais das ilhas britânicas, como James Gallagher, James Brown e Robert McGhee, que ganharam a nacionalidade americana, embora a Federação de Soccer negue isso até hoje, afirmando que eles chegaram ao país ainda adolescentes (o único profissional da delegação seria George Moorhouse, que havia atuado pelo Liverpool, da Inglaterra).

O sorteio foi dirigido, para evitar a concentração de europeus ou sul-americanos num grupo. E a divisão ficou assim:

- GRUPO I – *Argentina, França, Chile e México*
- GRUPO II – *Brasil, Iugoslávia e Bolívia*
- GRUPO III – *Uruguai, Romênia e Peru*
- GRUPO IV – *Estados Unidos, Bélgica e Paraguai*

Quando já haviam sido constituídos quatro grupos com três equipes cada um, o país remanescente – México – foi sorteado para um deles, e caiu no I. O regulamento era simples. Dentro de cada chave, jogavam todos contra todos e só o primeiro colocado passava às semifinais. Em caso de empate entre duas equipes no número de pontos, o critério de desempate era o *goal average* (divisão dos gols marcados pelos gols sofridos).

E vai rolar a bola

Apesar do desprezo de muitos países europeus, o Uruguai construiu até um estádio novinho e organizou com muito esmero todos os detalhes da grande festa do futebol

Quem vê os cartazes da Copa do Mundo de 1930 vê também um equívoco. Desenhados em estilo art-déco pelo pintor, escultor e cenógrafo uruguaio Guillermo Laborde (1886 -1940), ele traz impresso o período da competição: de 15 de julho a 15 de agosto. Só que o Mundial começou em 13 de julho e terminou no dia 30 do mesmo mês. Pela única vez até hoje, a disputa se concentrou em apenas uma cidade, Montevidéu. Os jogos foram realizados em três estádios: Parque Central (do Nacional), inaugurado em 25 de maio de 1900, com capacidade para 15 000 pessoas; Pocitos (do Peñarol), inaugurado em 6 de novembro de 1921, com capacidade para 8 000 pessoas; e **Centenário**, construído especialmente para o torneio.

Com capacidade para 70 000 pessoas (a previsão inicial era de 102 000), o Centenário levou apenas oito meses para ficar pronto. O local escolhido foi o Parque José Batlle y Ordóñez, perto do centro da cidade. O projeto, do arquiteto Juan Scasso, tem forma elíptica e ocupa 450 000 metros quadrados, com um campo de jogo de 110 metros de comprimento por 82 de largura. As obras de terraplenagem começaram em dezembro de 1929 e a construção, que envolveu 1 500 operários, foi completada em julho, uma semana após o início da Copa! Foram tirados do local 160 000 metros cúbicos de terra. Tudo para que o estádio ficasse 11 metros abaixo do nível do solo, evitando a ação inclemente dos ventos de Montevidéu.

O cartaz da Copa: apesar de a ilustração trazer impressa a data 15 de julho a 15 de agosto, os jogos foram realizados de 13 a 30 de julho em Montevidéu

Nos meses de março e abril de 1930, fortes chuvas deixaram muita gente pessimista quanto à conclusão da obra. Acreditava-se que o Centenário só ficaria pronto após o encerramento do Mundial. Não só a previsão alarmista não se confirmou como o custo da construção (1,5 milhão de dólares da época) foi considerado incrivelmente baixo – basta dizer que Wembley, o famoso estádio de Londres, custou três vezes mais, apesar de ter sido construído oito anos antes. Em Montevidéu, a grande festa de inauguração ocorreu em 18 de julho de 1930 – centenário da assinatura da primeira Constituição do país. Ainda havia muitos pontos de cimento fresco e material de construção sob as arquibancadas, mas a festa do futebol estava garantida.

Quando a primeira Copa foi disputada, os técnicos ainda não tinham o poder e a projeção que passariam a ter na década de 40, época em que estrategistas e disciplinadores assumiram de fato o controle das equipes. Em 1930, os técnicos eram meros coordenadores. "Enchiam a bola e apitavam o treino", segundo as palavras de Flávio Costa. As principais decisões – escalação da equipe e táticas de jogo – eram

O Centenário: contra todas as previsões pessimistas, as obras foram concluídas em apenas oito meses

O Centenário tem quatro arquibancadas independentes. Nas laterais do campo ficam a Tribuna América (para 13 500 pessoas) e a Tribuna Olímpica (23 500 pessoas). Atrás dos gols, as tribunas Colombes e Amsterdã (referência aos títulos olímpicos de 1924 e 1928), com capacidade para 15 000 pessoas cada uma. À frente delas, dois planos inclinados serviam para acomodar espectadores em pé, nos dias de superlotação.

tomadas pelos dirigentes e pelos jogadores com maior liderança. Prova disso é que o técnico nem sequer selecionava os atletas para o time nacional (o brasileiro Píndaro de Carvalho foi uma exceção, pois colaborou na escolha).

O técnico campeão de 1930, o uruguaio Alberto Suppici, tinha apenas 32 anos, dava aulas de educação física e nunca dirigira nenhuma equipe importante. A Seleção da Argentina foi convocada com base em uma votação popular feita em Buenos Aires (levemente manipulada pelos cartolas dos clubes, para valorizar seus principais jogadores). Segundo o atacante argentino Pancho Varallo, a recomendação mais importante que Francisco Olazar deu durante a Copa foi: "Muchachos, evitem comer sanduíches de salame antes das partidas".

Pampero e tiento

A temperatura média em Montevidéu no mês de julho varia de 10 a 14 graus. Em 1930, um inverno anormalmente frio fez os termômetros oscilarem entre 3 e 8 graus. A neblina matinal era intensa e, para piorar, o *pampero* (vento forte e gelado do Sul) fazia a sensação térmica cair para zero grau. Mas as notícias de que chegou a nevar na cidade são exageradas. Até hoje não há registro de neve na história da capital uruguaia.

A única diferença entre as marcações nos gramados de 1930 e as atuais é que há 75 anos ainda não havia a meia-lua da grande área, que é a parte visível de um círculo de 10 jardas de raio que tem como centro a marca do pênalti. Sua função é manter os jogadores a essa distância da bola quando da cobrança da penalidade máxima, como determina a regra 14. A meia-lua foi introduzida pela International Board em 1937. Já as regras eram bem diferentes. Entre outras coisas, o goleiro podia cobrar o tiro de meta com as mãos. A bola parada no bico da pequena área, para ser chutada com o pé, só foi instituída em 1933.

As bolas utilizadas na Copa eram chamadas *de tiento*, nome pela qual também ficaram conhecidas no Brasil: de tento. Eram de couro (ou capotão, na linguagem popular), de cor marrom escura, com gomos retangulares costurados a mão e um bico para encher a câmara interna, de borracha. O bico era depois dobrado e colocado para dentro da bola, ficando entre o couro e a câmara. Só então a abertura era amarrada, como se faz com um cadarço de sapato, com uma estreita tira de couro cru (*tiento*, em espanhol), criando um calombo que não apenas influía na trajetória da pelota como também podia causar ferimentos. Por isso, alguns jogadores usavam gorros reforçados internamente com folhas de jornal. Curiosidades à parte, estava tudo pronto para começar a grande festa e a bola finalmente começou a rolar. Confira nas próximas páginas a ficha técnica e um resumo de cada um dos 18 jogos do Mundial.

Sua excelência, a bola: gomos de couro costurados a mão com o bico amarrado

O Mundial, jogo a jogo

Pessimismo e motivação

O México chegou ao Uruguai pessimista. Parte da imprensa havia até feito uma campanha para que o país nem participasse da Copa, para evitar um vexame semelhante ao dos Jogos Olímpicos de 1928, quando a Seleção foi goleada pela Holanda por 7 x 1 e pelo Chile por 3 x 1. Sentindo o clima geral de apreensão, na véspera da estréia o técnico Juan Luqué de Serrallonga fez um emocionado discurso misturando as graças da Virgem de Guadalupe com o espírito de bravura do povo mexicano, para dizer que não havia por que temer 11 franceses de chuteiras. Animados, os mexicanos partiram com tudo para cima. E perderam por 4 x 1.

Vandalismo

A torcida uruguaia provocou os argentinos durante todo o jogo, tanto que o atacante Roberto Cherro, do Boca Juniors, teve uma violenta crise emocional. Levado para o vestiário, desmaiou e nem voltou para disputar o final da partida. Na saída do estádio, 500 vândalos apedrejaram o ônibus da Argentina, num tumulto que só foi controlado pela polícia quase uma hora depois. O país ameaçou voltar para casa, mas os insistentes pedidos dos organizadores e do presidente uruguaio, Juan Campisteguy – seguidos de promessas de segurança – encerraram a crise.

Primeira fase

GRUPO I – *ARGENTINA, FRANÇA, CHILE e MÉXICO*

FRANÇA 4 X 1 MÉXICO

Data: 13 de julho de 1930, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Pocitos
Público estimado: 4 500 pessoas
Gols: *Laurent* (19), *Langiller* (40) e *Maschinot* (42 do 1º); *Carreño* (25) e *Maschinot* (42 do 2º)
França – *Thépot, Mattler e Capelle; Villaplane, Pinel e Chantrel; Liberati, Delfour, Maschinot, Laurent e Langiller.*
Técnicos: Raoul Caudron e Gastón Barreau
México – *Bonfiglio, Rafael Gutierrez e Manuel Rosas; Felipe Rosas, Sanchez e Amezcua; Perez, Carreño, Mejia, Ruiz e Lopez.*
Técnico: Juan Luqué de Serrallonga
Juiz: Domingo Lombardi (Uruguai)
Auxiliares: Almeida Rêgo (Brasil) e Christophe (Bélgica)

Começou!

Dois jogos abriram a história das Copas do Mundo: França x México e Estados Unidos x Bélgica. O primeiro atraiu menos de 5 000 pessoas , mas entrou para a história porque teve o primeiro gol marcado. Aos 19 minutos do primeiro tempo, o ponteiro-esquerdo Langiller tocou para Lucien Laurent, próximo à marca do pênalti. O zagueiro mexicano Manuel Rosas errou o tempo da bola e ela sobrou limpa para o meia francês, que chutou à meia altura, no canto direito do goleiro Bonfiglio. Laurent tinha 23 anos em 1930 (nasceu em 10 de dezembro de 1907) e trabalhava na fábrica da Peugeot. Apesar de sua importância histórica, esse gol permaneceu esquecido por 40 anos. Foi em 1970 que os estudiosos resgataram o feito. Como Laurent faleceu só em 11 de abril de 2005, aos 97 anos, deu muitas entrevistas sobre aquele gol.

ARGENTINA 1 X 0 FRANÇA

Data: 15 de julho de 1930, terça-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Parque Central
Público estimado: 14 000 pessoas
Gol: *Monti* (36 do 2º)
Argentina – *Bossio, Della Torre e Muttis; Suarez, Monti e Juan Evaristo; Perinetti, Varallo, Ferreira, Cherro e Mario Evaristo.*
Técnicos: Juan José Tramutola e Francisco Olazar
França – *Thépot, Mattler e Capelle; Villaplane, Pinel e Chantrel; Liberati, Delfour, Maschinot, Laurent e Langiller.*
Técnicos: Raoul Caudron e Gastón Barreau
Juiz: Gilberto de Almeida Rêgo (Brasil)
Auxiliares: Saucedo (Bolívia) e Radulescu (Romênia)

A primeira mancada

O brasileiro Gilberto de Almeida Rego encerrou o jogo, por engano, aos 39 minutos do segundo tempo, quando a França, perdendo por 1 x 0 (gol de Luis Monti, de falta, três minutos antes), pressionava a Argentina. Na verdade, a culpa não foi do juiz, pois na época quem controlava o tempo era um cronometrista oficial. Os franceses perceberam o engano, mas o gramado foi imediatamente invadido pelos torcedores. Alguns jogadores até já haviam tomado banho quando, meia hora depois, com o apoio do bandeirinha Radulescu e o testemunho do cronometrista, os franceses convenceram Almeida Rêgo a reiniciar a partida. Mas nenhum gol foi marcado nos 6 minutos restantes.

A DELEGAÇÃO DO BRASIL

O "team" de 1930

O Brasil levou 24 jogadores (5 do Fluminense, 4 do Botafogo, 4 do Vasco, 3 do São Cristóvão, 2 do Flamengo, 2 do América, 1 do Americano, 1 do Goytacaz, 1 do Ypiranga e 1 sem clube) para a Copa de 1930, em Montevidéu. Confira a lista dos atletas e dirigentes que foram ao Uruguai.

A escalação do time que posou para a foto acima antes do jogo contra a Bolívia foi Velloso, Zé Luiz e Itália; Hermógenes, Fausto e Fernando; Benedicto, Russinho, Carvalho Leite, Préguinho e Moderato: vitória por 4 x 0

Goleiros

Oswaldo ***Velloso*** de Barros, 22 anos (28 de maio de 1908), do Fluminense
Joel de Oliveira Monteiro, 26 anos (1º de maio de 1904), do América

Defensores

Fernando Giudicelli, 24 anos (1º de abril de 1906), do Fluminense
Alfredo ***'Brilhante'*** da Costa, 26 anos (11 de março de 1904), do Vasco
Itália (Luiz Gervasoni), 23 anos (22 de maio de 1907), do Vasco
Zé Luiz (José Luiz de Oliveira), 25 anos (16 de novembro de 1904), do São Cristóvão
Oscarino Costa da Silva, 23 anos (17 de janeiro de 1907), do Ypiranga de Niterói

Médios

Ivan Mariz, 20 anos (16 de janeiro de 1910), do Fluminense
Agostinho ***Fortes*** Filho, 28 anos (9 de setembro de 1901), do Fluminense
Estanislau de Figueiredo ***Pamplona***, 26 anos (24 de março de 1904), do Botafogo
Fausto dos Santos Nascimento, 25 anos (28 de janeiro de 1905), do Vasco
Benevenuto Humberto de Araújo, 26 anos (4 de agosto de 1903), do Flamengo
Hermógenes Fonseca, 21 anos (4 de novembro de 1908), do América

Atacantes

Preguinho (João Coelho Neto), 25 anos (8 de fevereiro de 1905), do Fluminense
Nilo Murtinho Braga, 27 anos (3 de abril de 1903), do Botafogo
Benedicto Dantas de Moraes Menezes, 23 anos (30 de outubro de 1906), do Botafogo
Carlos Alberto Dobbert de ***Carvalho Leite***, 18 anos (25 de junho de 1912), do Botafogo
Russinho (Moacyr de Siqueira Queiroz), 27 anos (18 de dezembro de 1902), do Vasco
Theóphilo Bettancourt Pereira, 23 anos (9 de agosto de 1906), do São Cristóvão
Doca (Alfredo de Almeida Rêgo), 27 anos (1903), do São Cristóvão
Moderato Wisintainer, 28 anos (14 de julho de 1902), do Flamengo
Poly (Polycarpo Ribeiro de Oliveira), 22 anos (21 de dezembro de 1907), do Americano de Campos
Manoelzinho (Manoel de Aguiar Fernandes), 22 anos (22 de agosto de 1907), do Goytacaz de Campos
Araken Abraham Patusca da Silveira, 23 anos (17 de julho de 1906), sem clube (inscrito como jogador do Flamengo)
Depois de um desentendimento com seu time de origem, o Santos, Araken solicitou sua demissão do quadro de associados do clube santista para ingressar no São Paulo Athletic. Como já tinha deixado o Santos, mas ainda não havia sido inscrito na Apea por seu novo clube, Araken aceitou por conta própria a convocação para disputar a Copa. A CBD, entretanto, exigia que todo jogador convocado pertencesse a um clube filiado à entidade e, assim, Araken assinou ficha de inscrição pelo Flamengo.

Comissão técnica

O chefe da delegação foi ***Afrânio Antonio da Costa***, ganhador da primeira medalha olímpica para o Brasil, nas Olimpíadas de Antuérpia, em 1920 (prata, no tiro). O cargo foi mais uma homenagem pelo feito esportivo, já que ele não era ligado ao futebol. Junto com Afrânio seguiu "sua Exma. Esposa", como relataram os periódicos na época. Os demais dirigentes eram:
Secretário: *Horace Werner* (que, em 1914, criou o famoso escudo da CBD)
Representante junto à Fifa: *Sylvio Netto Machado*
Cronistas: *Octávio Antonio da Silva*, da revista carioca *O Football*, e ***Sylvio Vasques***
Massagista: *Ovídio Dionysio*, do Flamengo (apelidado de Jack Johnson por sua semelhança física com o boxeador americano campeão mundial dos pesos pesados de 1908 a 1915)
Médicos: *Fábio de Oliveira* e ***João Paulo Vinel de Moraes***
Juiz: *Gilberto de Almeida Rêgo* (que também fazia parte da comissão técnica)
Comissão técnica: *Píndaro de Carvalho Rodrigues* e ***Egas de Mendonça***. Médico por formação, Píndaro tinha sido jogador do Flamengo e zagueiro da Seleção na conquista do Campeonato Sul-Americano disputado no Rio de Janeiro em 1919 (e que, em 1930, ainda era o título mais expressivo do futebol nacional). Era diretor técnico desde 1929, mas foi um dos técnicos com passagem mais rápida pela Seleção (dirigiu o Brasil em apenas cinco jogos, dois na Copa e três amistosos na volta), entregando o cargo em 17 de agosto.

CHILE 3 X 0 MÉXICO

Data: 16 de julho de 1930, quarta-feira
Horário: 14h45
Estádio: Parque Central
Público estimado: 6 000 pessoas
Gols: *Subiabre* (4 do 1º); *Manuel Rosas* (contra, 5) e *Vidal* (19 do 2º)
Chile – *Cortés, Morales e Poirier; Arturo Torres, Saavedra e Elgueta; Ojeda, Subiabre, Villalobos, Vidal e Schneberger.*
Técnico: Gyorgy Orth
México – *Sota, Rafael Gutierrez e Manuel Rosas; Felipe Rosas, Sanchez e Amezcua; Perez, Carreño, Ruiz, Gayon e Lopez.*
Técnico: Juan Luqué de Serrallonga
Juiz: Henri Christophe (Bélgica)
Auxiliares: Langenus (Bélgica) e Apestegui (Uruguai)

Gol contra

Aos 5 minutos do segundo tempo, o centroavante chileno Eberardo Villalobos arriscou um chute de longe. A bola, fácil de defender, ia para o lado esquerdo do gol, mas desviou na cabeça do zagueiro mexicano Manuel Rosas e entrou no canto direito do goleiro Isidoro Sota. Foi o primeiro gol contra anotado em uma Copa do Mundo.

Tragédia na volta

O capitão da França na Copa, Alex Villaplane, que disputou as três partidas de sua Seleção, foi fuzilado pela Resistência Francesa em julho de 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial. A justificativa? Ele teria colaborado com os invasores nazistas.

CHILE 1 X 0 FRANÇA

Data: 19 de julho de 1930, sábado
Horário: 12h50 (preliminar de Argentina x México)
Estádio: Centenário
Público estimado: 25 000 pessoas
Gol: *Subiabre* (19 do 2º)
Chile – *Cortés, Chaparro e Riveros; Arturo Torres, Saavedra e Casimiro Torres; Ojeda, Subiabre, Villalobos, Vidal e Schneberger.*
Técnico: Gyorgy Orth
França – *Thépot, Mattler e Capelle; Villaplane, Pinel e Chantrel; Liberati, Delfour, Delmer, Veinante e Langiller.*
Técnicos: Raoul Caudron e Gastón Barreau
Juiz: Aníbal Tejada (Uruguai)
Auxiliares: Almeida Rêgo (Brasil) e Lombardi (Uruguai)

Invasão portenha

Surpreendentemente, o Chile venceu a favorita França, com um gol de cabeça de Guillermo Subiabre. Aos 35 minutos do primeiro tempo, Carlos 'Zorro' Vidal se tornou o primeiro jogador a perder um pênalti numa Copa (cobrou para fora). O bom público que presenciou o jogo não se deveu ao prestígio de Chile ou França, que fizeram a preliminar, mas aos argentinos, que invadiram a cidade para prestigiar sua Seleção contra o México.

Só o nome era igual

Os mexicanos Manuel e Felipe Rosas não eram parentes, embora tivessem o mesmo sobrenome e jogassem pelo mesmo time, o Atlante.

ARGENTINA 6 X 3 MÉXICO

Data: 19 de julho de 1930, sábado
Horário: 15 horas
Estádio: Centenário
Público estimado: 25 000 pessoas
Gols: *Stabile* (8), *Zumelzu* (12), *Stabile* (17) e *Manuel Rosas* (pênalti, 38 do 1º); *Varallo* (8 e 10), *Felipe Rosas* (20), *Lopez* (30) e *Stabile* (35 do 2º)
Argentina – *Bossio, Della Torre e Paternoster; Cividini, Zumelzu e Orlandini; Peucelle, Varallo, Stabile, Demaria e Spadaro.*
Técnicos: Juan José Tramutola e Francisco Olazar
México – *Bonfiglio, Rafael Gutierrez e Manuel Rosas; Felipe Rosas, Sanchez e Rodriguez; Francisco Gutierrez, Carreño, Olivares, Gayon e Lopez.*
Técnico: Juan Luqué de Serrallonga
Juiz: Ulises Saucedo (Bolívia)
Auxiliares: Alonso (Uruguai) e Radulescu (Romênia)

Festival de pênaltis?

Várias fontes indicam que este foi o jogo com o maior número de pênaltis numa Copa: nada menos que cinco. Mas, segundo a publicação oficial *Álbum Primer Campeonato Mundial de Football*, lançada no Uruguai em 1930, apenas uma penalidade foi marcada: a que resultou no primeiro gol mexicano. Todos os outros gols saíram de jogadas normais. A Argentina fez 3 gols em 9 minutos, matando o jogo rapidamente.

ARGENTINA 3 X 1 CHILE

Data: 22 de julho de 1930, terça-feira
Horário: 14h45
Estádio: Centenário
Público estimado: 24 500 pessoas
Gol: *Stabile* (12 e 14) e *Subiabre* (16 do 1º); *Mario Evaristo* (6 do 2º)
Argentina – *Bossio, Della Torre e Paternoster; Juan Evaristo, Monti e Orlandini; Peucelle, Varallo, Stabile, Ferreira e Mario Evaristo.*
Técnicos: Juan José Tramutola e Francisco Olazar
Chile – *Cortés, Chaparro e Morales; Arturo Torres, Saavedra e Casimiro Torres; Arellano, Subiabre, Villalobos, Vidal e Aguilera.*
Técnico: Gyorgy Orth
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Christophe (Bélgica) e Saucedo (Bolívia)

Tapetão

O grupo I era o único que tinha quatro equipes (os outros tinham três países cada um). Após as duas primeiras rodadas, Chile e Argentina haviam vencido seus dois jogos e teriam de se enfrentar para decidir quem passaria às semifinais. Alegando que o critério era injusto, os chilenos pleitearam junto à Fifa a classificação de ambas as equipes – no que receberam o apoio dos vizinhos. Mas o pedido foi recusado e a Argentina venceu por 3 x 1 (com 2 gols em 2 minutos).

Primeira fase

GRUPO II – *BRASIL, IUGOSLÁVIA e BOLÍVIA*

IUGOSLÁVIA 2 X 1 BRASIL

Data: 14 de julho de 1930, segunda-feira
Horário: 12h45
Estádio: Parque Central
Público estimado: 10 000 pessoas
Gols: *Tirnanic* (26) e *Ivan Bek* (34 do 1º); *Preguinho* (16 do 2º)
Iugoslávia – *Jaksic, Ivkovic e Mihajlovic; Arsenijevic, Stevanovic e Dokic; Tirnanic, Marjanovic, Ivan Bek, Vujadinovic e Sekulic.*
Técnico: Bosko Simonovic
Brasil – *Joel, Brilhante e Itália; Hermógenes, Fausto e Fernando; Poly, Nilo, Araken, Preguinho e Teóphilo.*
Técnico: Píndaro de Carvalho Rodrigues
Juiz: Aníbal Tejada (Uruguai)
Auxiliares: Villarino (Uruguai) e Balway (França)

Mau começo

A segunda-feira, dia da estréia do Brasil, amanheceu gelada. Apesar do frio, o bom público presente – 10 000 pessoas, com 5 900 dólares de renda – era uma amostra de que o Brasil estava sendo encarado com respeito. Na hora do jogo, começamos vencendo: Preguinho ganhou o cara ou coroa. E escolheu jogar contra o vento forte no primeiro tempo. Nos primeiros 10 minutos, o ataque do Brasil exigiu duas boas defesas de Jaksic. Mas a Iugoslávia logo equilibrou o jogo e fez 1 x 0 num lance de sorte. Aos 21 minutos, Vujadinovic chutou fraco, Joel pulou, mas a bola desviou em Itália, sobrando limpa para Tirnanic concluir para o gol vazio. Onze minutos depois, a bola foi lançada na área do Brasil. Parecia um lance tranqüilo, mas Brilhante rebateu mal. Desta vez, a bola sobrou para Bek, sem marcação, chutar no canto: 2 x 0. No final do primeiro tempo, o juiz ainda anulou, por impedimento de Vujadinovic, o terceiro gol iugoslavo. No segundo tempo, com o vento a favor, o Brasil chegou seguidas vezes à área iugoslava. Numa delas, aos 17 minutos, Preguinho aproveitou um centro de Fausto, dividiu com Ivkovic e marcou o primeiro gol brasileiro numa Copa. Daí em diante nossa Seleção dominou amplamente, mas sem eficiência. No Rio, uma multidão se aglomerava em frente ao jornal *A Noite*. O andamento do jogo era informado por cartazes, mas o telégrafo demorava duas horas para chegar de Montevidéu. Assim, quando os cariocas receberam a notícia de que o jogo acabara de começar, ele já tinha sido encerrado. Aos 40 minutos do segundo tempo, a torcida vibrou com o que seria o gol de empate: "Prego 2 x 2", estava escrito no cartaz. Mas, alguns minutos depois, veio a correção: nada de gol e fim de jogo com vitória da Iugoslávia.

Explicações

Após a derrota, os brasileiros acharam duas justificativas para o fracasso: o campo encharcado e o frio "atroz e ininterrupto" de 2 graus. Houve também acusações: o estilo trombador dos iugoslavos era uma novidade, o que levou Fausto a reclamar que alguns companheiros se comportaram "como senhoritas" depois de alguns trancos. Mas a maior falha foi mesmo um erro de escalação. O trio atacante era Nilo, Preguinho e Araken – e todos atuavam pela meia esquerda. Criavam, mas não concluíam. Os dois centroavantes – Russinho e Carvalho Leite – ficaram fora e o Brasil não venceu.

Torcida contra

Durante a Copa, o clube Huracán, da Argentina, iniciou uma série de amistosos contra times paulistas. No dia da estréia do Brasil, alguns dirigentes e jogadores passeavam pelo centro de São Paulo e viram torcedores festejando. "Ganó Brasil, por supuesto", disse o chefe da delegação, Felix Inarra. O motivo da comemoração, porém, era "a derrota dos cariocas" para a Iugoslávia.

IUGOSLÁVIA 4 X 0 BOLÍVIA

Data: 17 de julho de 1930, quinta-feira
Horário: 12h45 (preliminar de Estados Unidos x Bélgica)
Estádio: Parque Central
Público estimado: 7 000 pessoas
Gols: *Ivan Bek* (15), *Marjanovic* (20), *Ivan Bek* (22) e *Vujadinovic* (43 do 2º)
Iugoslávia – *Jaksic, Ivkovic e Mihajlovic; Arsenijevic, Stevanovic e Dokic; Tirnanic, Marjanovic, Ivan Bek, Vujadinovic e Najdanovic.*
Técnico: Bosko Simonovic
Bolívia – *Bermudez, Durandal e Chavarria; Argote, Lara e Valderrama; Gomez, Bustamante, Mendez, Alborta e Fernandez.*
Técnico: Ulises Saucedo
Juiz: Francisco Mateucci (Uruguai)
Auxiliares: Lombardi (Uruguai) e Warken (Chile)

Uru...gay?

Antes de sua estréia, a Bolívia tentou obter o apoio da torcida local. Cada jogador trazia uma letra gigante costurada na camisa e a idéia era que os sete atletas em pé formassem a palavra "URUGUAY" e os quatro agachados, "VIVA". No momento de entrar em campo, porém, um dos três que portavam a letra U teve uma indisposição gástrica e ficou retido no vestiário. Mesmo assim, a foto foi tirada e mostra seis bolivianos e a palavra "URUGAY". Na época, foi um fato pitoresco. Hoje, talvez aquele gay final pudesse resultar num incidente diplomático... Apesar da gafe, a Bolívia começou o jogo resistindo bem à Iugoslávia. Mas, no final do primeiro tempo, com o jogo ainda 0 x 0, o ponta-direita Gumercindo Gomez fraturou a perna direita. Jogando com dez, os sul-americanos foram massacrados: além dos quatro gols sofridos, ainda viram a bola bater quatro vezes em suas traves. A Iugoslávia passou para as semifinais. O Brasil foi eliminado.

BRASIL 4 X 0 BOLÍVIA

Data: 20 de julho de 1930, domingo
Horário: 13 horas (preliminar de Paraguai x Bélgica)
Estádio: Centenário
Público estimado: 8 000 pessoas
Gols: *Moderato* (37 do 1º); *Preguinho* (12), *Moderato* (28) e *Preguinho* (42 do 2º)
Brasil – *Velloso, Zé Luiz e Itália; Hermógenes, Fausto e Fernando; Benedicto, Russinho, Carvalho Leite, Preguinho e Moderato.*
Técnico: Píndaro de Carvalho Rodrigues
Bolívia – *Bermudez, Durandal e Chavarria; Sainz, Lara e Valderrama; Ortiz, Bustamante, Mendez, Alborta e Fernandez.*
Técnico: Ulises Saucedo
Juiz: Thomas Balway (França)
Auxiliares: Mateucci (Uruguai) e Vallejo (México)

Monotonia

Foi um jogo de valor histórico, por ser a primeira vitória brasileira numa Copa do Mundo. O Brasil mudou seis jogadores e, para compensar a falta de um centroavante na estréia, entrou logo com dois. Mas, apesar da goleada por 4 x 0, a partida contra a Bolívia foi definida pelo jornal *A Crítica* como uma "intolerável monotonia numa luta sem brilho". Ambos os times já não tinham chances e, por causa disso, o estádio Centenário estava praticamente deserto (pouco mais de 1 000 torcedores) quando os times entraram em campo, ambos de camisas brancas. Os calções também não ajudavam na diferenciação (azuis, os brasileiros; e pretos, os bolivianos). Por isso, após alguns minutos, o juiz fez um sorteio e a moedinha determinou que a Bolívia deveria trocar de uniforme. O problema é que eles não tinham camisas reservas. A solução foi pedir emprestadas as da Seleção Uruguaia. Foi a única vez na história que os bolivianos entraram em campo e jogaram de azul celeste.

Técnico e árbitro

O treinador da Seleção Boliviana, Ulises Saucedo – que trabalhava como técnico na Inglaterra – também atuou como juiz na Copa (apitou Argentina 6 x 3 México). Outro técnico, Constantin 'Costel' Radulescu, da Romênia, foi auxiliar na mesma partida e também no jogo Argentina 1 x 0 França.

Panelinha ou discriminação?

Em 1966, Araken declarou ao jornal *A Gazeta Esportiva* que a Seleção chegou ao Uruguai dividida em panelinhas. Segundo ele, os atletas de Fluminense e Botafogo (equipes "aristocráticas", na comparação com Flamengo, Vasco e outras) tiveram acomodações mais confortáveis, tanto no navio Conte Verde como no Grande Hotel da Cave Colón, em Montevidéu, gerando um clima ruim entre os jogadores.

Camisa branca

Em 1930, o Brasil usou camisas brancas de manga comprida, com punhos em azul anil, calções azuis e meias pretas, com frisos em branco e azul. No lado esquerdo do peito, o escudo da CBD. A famosa camisa amarela só entrou em cena em 1953.

Defesa espetacular

Algumas fontes registram que o goleiro Velloso defendeu um pênalti quando o jogo ainda estava 0 x 0. Segundo os jornais da época, Velloso defendeu, de forma sensacional, uma falta perigosa, cometida pelo zagueiro Itália sobre Bustamante, e cobrada quase da risca da grande área pelo médio Renato Sainz.

Primeira fase

GRUPO III – *URUGUAI, ROMÊNIA E PERU*

ROMÊNIA 3 X 1 PERU

Data: 14 de julho de 1930, segunda-feira
Horário: 14h50
Estádio: Pocitos
Público estimado: 2 500 pessoas
Gols: *Stanciu* (1 do 1º); *Luis Ferreira* (30), *Barbu* (33) e *Stanciu* (44 do 2º)
Romênia – *Lapusneanu, Steiner e Bürger; Raffinski, Vogl e Eisenbeisser; Kovacs, Desu, Wetzer, Stanciu e Barbu.*
Técnicos: Constantin Radulescu e Octav Luchide
Peru – *Valdivieso, De las Casas e Soria; Galindo, Garcia e Lavalle; Lores, Villanueva, Denegri, Neyra e Luis Ferreira.*
Técnico: Francisco Bru
Juiz: Albert Warken (Chile)
Auxiliares: Langenus (Bélgica) e Mateucci (Uruguai)

Recordes negativos

Romenos e peruanos fizeram a partida com a menor platéia na história das Copas – e com a primeira expulsão (única do Mundial de 1930). Depois de levar um gol aos 50 segundos de jogo, os jogadores do Peru perderam a cabeça e começaram a apelar para o jogo violento, no que foram imitados pelos romenos. Aos 33 minutos do primeiro tempo, o romeno Adalbert Steiner fraturou a perna. Aos 9 minutos do segundo tempo, o peruano Placido Galindo, discordando da marcação de uma falta, deu um empurrão no juiz chileno Albert Warken e foi expulso. Mas não aceitou a decisão e recusou-se a deixar o campo. Os dirigentes peruanos levaram 10 minutos para convencê-lo a sair.

URUGUAI 1 X 0 PERU

Data: 18 de julho de 1930, sexta-feira
Horário: 15h30
Estádio: Centenário
Público estimado: 58 000 pessoas
Gol: *Castro* (15 do 2º)
Uruguai *Ballesteros, Nasazzi e Tejera; Andrade, Fernandez e Gestido; Urdinaran, Castro, Petrone, Cea e Iriarte.*
Técnico: Alberto Suppici
Peru *Pardón, De las Casas e Maquilon; Galindo, Astengo e Lavalle; Lores, Villanueva, Denegri, Neyra e Luis Ferreira.*
Técnico: Francisco Bru
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Christophe (Bélgica) e Balway (França)

Festa e decepção

A estréia dos donos da casa marcou também a inauguração do estádio Centenário, ainda com vários setores inacabados. Os festejos começaram às 8 da manhã, no centro de Montevidéu, com uma salva de 101 tiros disparados pelos soldados da Fortaleza General Artigas, e prosseguiram até a hora do jogo. Às 14h30, as delegações de todos os países desfilaram pelo gramado e meia hora depois o presidente uruguaio, Juan Campisteguy, desceu ao campo junto com Jules Rimet e deu o pontapé inicial, ou melhor, o kick off, como se falava na época. Apesar de tanta festa, a Seleção Uruguaia frustrou os torcedores presentes, conseguindo um gol chorado no segundo tempo – o goleiro peruano Pardón agarrou a bola chutada por Cea poucos centímetros depois de ultrapassar a linha, levando a torcida a comentar que a vitória foi por meio gol. Foi uma decepção porque a Seleção do Peru tinha apenas três anos de história. Havia jogado pela primeira vez em 1927, quando o Campeonato Sul-Americano foi sediado em Lima. Antes da Copa, havia disputado seis jogos, com uma vitória (contra a Bolívia, por 3 x 2, em 1927) e cinco derrotas (nas quais sofreu 21 gols e marcou apenas 2). Por isso, os peruanos comemoraram a derrota só por 1 x 0. No dia seguinte, a alarmada imprensa uruguaia pediu "mudanças drásticas e urgentes" na Seleção, considerada "pesada e envelhecida" (a base era a mesma do primeiro título olímpico, conquistado seis anos antes).

Indisciplinado

O goleiro uruguaio Andrés Mazzali foi o primeiro jogador a ser cortado por indisciplina em uma Copa do Mundo. Campeão olímpico em 1924 e 1928, ele estava selecionado para o Mundial, mas uma semana antes do início dos jogos decidiu escapar da concentração uruguaia (no total, a equipe ficou confinada durante oito longas semanas). Saiu para visitar a família, segundo a primeira versão. Ou para "pasar la noche con una rubia", segundo o indiscreto capitão da Seleção, José Nasazzi. Mesmo com toda a fama que tinha, Mazzali foi descartado.

Los revendedores

No dia seguinte ao jogo, os jornais locais reclamaram que a Federação Uruguaia havia vendido grandes lotes de ingressos para uns poucos e suspeitos indivíduos, que os revenderam na porta do estádio Centenário pelo triplo do preço oficial. Para piorar a situação, 1,2 milhão de ingressos tinham sido impressos para toda a Copa – um número bastante otimista. Como o público total da Copa não chegou nem à metade disso, para cada bilhete vendido havia outro sobrando. Apesar das denúncias de ágio e desvio, o fato se repetiu em todos os jogos do Uruguai (e se repete até hoje, em todo o mundo). Só o que mudou foi o jeito de chamar esses atravessadores. Hoje, são cambistas. Em 1930, eram conhecidos como *los revendedores*.

Regras para quê?

Durante toda a Copa, o entra-e-sai de campo foi uma rotina. Os jogadores deixavam o gramado para tomar água ou descansar por alguns minutos – e voltavam sem pedir permissão ao juiz. Além disso, dirigentes também cruzavam as quatro linhas quando bem entendiam. No momento em que Anselmo marcou o terceiro gol, a poucos metros do lance o massagista e um dirigente uruguaio atendiam outro atleta, que se machucara no lance anterior. O juiz Almeida Rêgo não parou o jogo nem os romenos reclamaram de nada. E isso porque, três dias antes, o dirigente da Fifa Maurice Fischer tinha se reunido com os árbitros e explicado que massagistas, fotógrafos e dirigentes não tinham acesso livre ao campo.

URUGUAI 4 X 0 ROMÊNIA

Data: 21 de julho de 1930, segunda-feira
Horário: 14h50
Estádio: Centenário
Público estimado: 59 000 pessoas
Gols: *Dorado* (7), *Scarone* (24), *Anselmo* (30) e *Cea* (35 do 1º)
Uruguai – *Ballesteros, Nasazzi e Mascheroni; Andrade, Fernandez e Gestido; Dorado, Scarone, Anselmo, Cea e Iriarte.*
Técnico: Alberto Suppici
Romênia – *Lapusneanu, Czako e Bürger; Raffinski, Vogl e Eisenbeisser; Kovacs, Desu, Wetzer, Robe e Barbu.*
Técnicos: Constantin Radulescu e Octav Luchide
Juiz: Gilberto de Almeida Rêgo (Brasil)
Auxiliares: Saucedo (Bolívia) e Warken (Chile)

Time de veteranos

Apesar das críticas da imprensa uruguaia aos veteranos após o jogo contra o Peru – "Os Deuses Estão Cansados!", escreveu *El País* –, foi a entrada do mais velho de todos os convocados, o centroavante Hector Scarone, de 32 anos, que garantiu equilíbrio ao Uruguai. Com ele em campo, foram quatro gols no primeiro tempo.

Primeira fase

GRUPO IV – *ESTADOS UNIDOS, BÉLGICA E PARAGUAI*

ESTADOS UNIDOS 3 X 0 BÉLGICA

Data: 13 de julho de 1930, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Parque Central
Público estimado: 9 000 pessoas
Gols: *McGhee* (40 e 43 do 1º); *Patenaude* (44 do 2º)
Estados Unidos – *Douglas, Wood e Moorhouse; Gallagher, Tracey e Bown; Gonsalves, Florie, Patenaude, Auld e McGhee.*
Técnico: Robert Millar
Bélgica – *Badjou, Nouwens e Hoydonckx; Declerq, Hellemans e Braine; Diddens, Voorhoof, Adams, Moeschal e Versijp.*
Técnico: Hector Goetinck
Juiz: José Macias (Argentina)
Auxiliares: Mateucci (Uruguai) e Warken (Chile)

Chutes e mais chutes

Após um treino dos Estados Unidos, no dia 8, a imprensa uruguaia escreveu: "Técnica medíocre, com muitos passes para trás. Atiram a gol de qualquer distância e de qualquer maneira". E foi exatamente essa obsessão pelo chute (por estratégia ou falta de opção) que levou os americanos à primeira vitória.

ESTADOS UNIDOS 3 X 0 PARAGUAI

Data: 17 de julho de 1930, quinta-feira
Horário: 14h45
Estádio: Parque Central
Público estimado: 7 000 pessoas
Gols: *Patenaude* (10 e 18 do 1º; e 5 do 2º)
Estados Unidos – *Douglas, Wood e Moorhouse; Gallagher, Tracey e Bown; Gonsalves, Florie, Patenaude, Auld e McGhee.*
Técnico: Robert Millar
Paraguai – *Denis, Olmedo e Miracca; Diaz, Nessi e Etcheverry; Dominguez, Gonzalez, Cáceres, Pena e Aguirre.*
Técnico: José Durand Laguna
Juiz: José Macias (Argentina)
Auxiliares: Apestegui (Uruguai) e Tejada (Uruguai)

Tripleta

No segundo gol americano, a bola chutada por Patenaude ia para fora, mas entrou após desviar no paraguaio Gonzalez. O gol foi atribuído a Gonzalez, contra. Em 1994, a Federação Americana de Soccer solicitou uma revisão e a Fifa concedeu oficialmente o gol ao atacante, seguindo o critério atual. Assim, Bertram Patenaude passou a ser considerado o primeiro atleta a marcar três gols num jogo de Copa do Mundo (proeza que os ingleses chamam de *hat trick* e os hispânicos, de *tripleta*).

PARAGUAI 1 X 0 BÉLGICA

Data: 20 de julho de 1930, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Centenário
Público estimado: 8 000 pessoas
Gol: *Peña* (40 do 1º)
Paraguai – *Pedro Benitez, Olmedo e Flores; Diaz, Nessi e Santiago Benitez; Garcete, Gonzalez, Cáceres, Pena e Romero.*
Técnico: José Durand Laguna
Bélgica – *Badjou, Nouwens e Hoydonckx; Delbeke, Hellemans e Braine; Diddens, Dedeken, Adams, Moeschal e Versijp.*
Técnico: Hector Goetinck
Juiz: José Macias (Argentina)
Auxiliares: Lombardi (Uruguai) e Villarino (Uruguai)

Ninguém viu

Um jogo sem importância, já que os Estados Unidos haviam garantido a classificação com as duas vitórias nos jogos iniciais do grupo. Aliás, um jogo tão sem importância que os jornais da época ficaram em dúvida até quanto ao autor do gol paraguaio (Vargas Peña ou Delfin Cáceres).

Semifinais

Na quarta-feira, 23 de julho, a Fifa promoveu um sorteio para definir os adversários das semifinais. Era um risco enorme, pois a tão esperada final entre Uruguai x Argentina poderia se transformar numa semi. As bolinhas foram numeradas: 1 para Argentina, 2 para Estados Unidos, 3 para Uruguai e 4 para Iugoslávia. Jules Rimet, que presidia a cerimônia, convidou um jornalista presente para sortear a primeira bolinha. Ela tinha o número 1, da Argentina. Sob intensa expectativa, outro jornalista tirou a bolinha número 2, dos Estados Unidos. E todo mundo respirou aliviado. Também por sorteio ficou definida a ordem dos jogos: Argentina x Estados Unidos seria no sábado e Uruguai x Iugoslávia, no domingo. Em caso de empate, haveria uma prorrogação de 15 minutos, dividida em dois tempos de 7 minutos e meio. Se o empate persistisse, haveria uma segunda prorrogação. Se mesmo assim não saísse um vencedor, haveria um jogo extra. Se esse jogo também terminasse empatado, no tempo normal e nas prorrogações, o vencedor sairia por meio de sorteio.

ARGENTINA 6 X 1 ESTADOS UNIDOS

Data: 26 de julho de 1930, sábado
Horário: 14h45
Estádio: Centenário
Público estimado: 59 000 pessoas
Gols: *Monti* (20 do 1º); *Scopelli* (11), *Stabile* (24), *Peucelle* (35 e 40), *Stabile* (42) e *Brown* (44 do 2º)
Argentina – *Botasso, Della Torre e Paternoster; Juan Evaristo, Monti e Orlandini; Peucelle, Scopelli, Stabile, Ferreira e Mario Evaristo.*
Técnicos: Juan José Tramutola e Francisco Olazar
Estados Unidos – *Douglas, Wood e Moorhouse; Gallagher, Tracey e Auld; Gonsalves, Florie, Patenaude, Brown e McGhee.*
Técnico: Robert Millar
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Warken (Chile) e Vallejo (México)

Dia das Bruxas

Os Estados Unidos agüentaram razoavelmente bem a pressão da Argentina no primeiro tempo, mas o centromédio Ralph Tracey fraturou a perna e não retornou do intervalo. No início do segundo tempo, foi a vez de o goleiro James Douglas se machucar, deslocando o ombro. Daí, a Argentina não teve dificuldades para marcar mais cinco gols em seqüência. Quando os americanos perdiam por 3 x 0, o médio Andrew Auld sofreu um profundo corte no lábio inferior. O técnico Millar pegou a maleta de remédios e correu para o campo, mas, na pressa, derrubou uma garrafa de clorofórmio, que vazou no gramado. Ao inalar o líquido entorpecente, Millar passou mal e teve de ser carregado para fora do gramado. Foi um verdadeiro Dia das Bruxas para os americanos.

Rivais históricos

Montevidéu e Buenos Aires são separadas apenas pelo estuário do Rio da Prata. Essa proximidade fez com que, em apenas 29 anos (de maio de 1901 a maio de 1930), Uruguai e Argentina já tivessem disputado inacreditáveis 94 jogos entre si. Antes da Copa de 1930, a vantagem era da Argentina: 38 vitórias, 26 empates e 30 derrotas, com 139 gols a favor e 120 contra. Essa rivalidade produziu vários episódios trágicos e cômicos. Em 2 de outubro de 1924 (ano em que os uruguaios ganharam seu primeiro título olímpico), num jogo amistoso no Estádio Barracas, em Buenos Aires, o placar estava 1 x 1 quando o ponteiro argentino Cesáreo Onzari, do Huracán, bateu um escanteio e a bola entrou direto no gol, sem tocar em ninguém. Houve muita discussão, mas o juiz considerou o lance legal – e a Argentina venceu por 2 x 1. Os uruguaios não se conformaram com a decisão e consultaram a Fifa sobre o assunto. Resposta: quatro meses antes, o gol não valeria (após a cobrança do escanteio, a bola deveria tocar em algum jogador para ser considerada em jogo – se entrasse direto, seria tiro de meta). Mas a regra havia mudado e, portanto, o gol de Onzari era válido. Ironicamente, os argentinos apelidaram a façanha de gol olímpico e o nome pegou.

Nas ondas do rádio

Os proprietários da Casa América – loja que vendia instrumentos musicais e telefones em Buenos Aires – instalaram grandes alto-falantes na calçada e uma multidão de portenhos parou o trânsito para ouvir a primeira irradiação de uma final de Copa do Mundo. Para o Brasil, não houve transmissão. O rádio já existia por aqui em 1930, mas ninguém estava interessado em ouvir outros países jogando futebol.

E ainda deu lucro

Segundo o comitê organizador do Mundial, a renda total da Copa de 1930 foi de 255 mil dólares (434.500 pagantes) e as despesas, incluindo 10% da renda bruta para a Fifa, ficaram perto de 200 mil dólares. Mesmo com a ausência dos melhores países europeus, financeiramente a Copa deu lucro. Embora os jornais da Europa tenham menosprezado a disputa e dedicado a ela não mais que algumas linhas de texto, o lucro auferido pelos uruguaios abriu os olhos dos dirigentes, que logo começaram a brigar para sediar o torneio.

URUGUAI 6 X 1 IUGOSLÁVIA

Data: 27 de julho de 1930, domingo
Horário: 14h45
Estádio: Centenário
Público estimado: 78 000 pessoas
Gols: *Vujadinovic* (4), *Cea* (19), *Anselmo* (21 e 23 do 1º); *Iriarte* (18) e *Cea* (21 e 27 do 2º)
Uruguai – *Ballesteros, Nasazzi e Mascheroni; Andrade, Fernandez e Gestido; Dorado, Scarone, Anselmo, Cea e Iriarte.*
Técnico: Alberto Suppici
Iugoslávia – *Jaksic, Ivkovic e Mihajlovic; Arsenijevic, Stevanovic e Dokic; Tirnanic, Marjanovic, Ivan Bek, Vujadinovic e Sekulic.*
Técnico: Bosko Simonovic
Juiz: Gilberto de Almeida Rêgo (Brasil)
Auxiliares: Balway (França) e Saucedo (Bolívia)

A culpa é do juiz

A atuação do juiz brasileiro Almeida Rêgo foi muito contestada pela Iugoslávia. Após marcar aos 4 minutos, os iugoslavos tiveram um gol anulado aos 9 minutos. Além disso, reclamaram que o terceiro gol uruguaio foi marcado em impedimento e que, no quarto gol, a bola já havia ultrapassado a linha de fundo quando foi cruzada para a área (Almeida Rêgo diria depois que um policial uruguaio, postado sobre a linha, obstruiu sua visão do lance).

Disputa do 3º lugar

Irritados com a atuação do juiz brasileiro Gilberto de Almeida Rêgo no jogo contra o Uruguai, considerada "excessivamente parcial", os iugoslavos se recusaram a disputar com os Estados Unidos um jogo – não previsto na tabela, mas sugerido pelo Comitê Organizador – para decidir a terceira colocação. Em muitas publicações esportivas, os Estados Unidos aparecem sozinhos em terceiro lugar – com base no critério, não oficial, de saldo de gols.

Números

GOLS EM PROFUSÃO

A Copa de 1930 foi a única na história (até agora) que não registrou nenhum empate. Foram marcados 70 gols em 18 partidas (média de 3,9). A Argentina teve o melhor ataque (18 gols feitos) e o Uruguai, a melhor defesa (3 gols sofridos). As duas únicas seleções que não marcaram foram Bélgica e Bolívia. O artilheiro foi ***Guillermo Stabile***, da Argentina, com 8 gols em quatro jogos (ele não participou da estréia contra a França). Apelidado de *El Filtrador*, graças à habilidade para encontrar brechas nas defesas adversárias, Stabile jogou pelo Huracán e depois se transferiu para o futebol italiano. Foi técnico da Seleção Argentina em duas ocasiões (durante 19 anos, de 1939 a 1958, e numa passagem curta, em 1960). Nasceu em Buenos Aires, em 1906, e morreu em 1966.

Castro faz o último gol da vitória de 4 x 2 do Uruguai sobre a Argentina: na primeira Copa, média de 3,9 gols por jogo

CHOQUE DE GERAÇÕES

O jogador mais jovem que atuou na Copa de 1930 foi o brasileiro ***Carvalho Leite*** (tinha 18 anos). O mais velho foi ***Rafel Gutierrez*** (34), do México. O treinador mais jovem foi ***Juan Tramutola*** (28), da Argentina e o mais velho, ***Juan Luqué de Serrallonga*** (48), também do México. ***Gilberto de Almeida Rego*** (48), do Brasil, foi o juiz mais velho a apitar e ***Francisco Matteucci*** (27), do Uruguai, o mais jovem.

Final

A comemoração dos donos da casa após a decisão: festa e volta olímpica do Uruguai, o time mais vencedor da década de 1920

URUGUAI 4 X 2 ARGENTINA

Data: 30 de julho de 1930, quarta-feira
Horário: 14 horas
Estádio: Centenário
Público estimado: 70 000 pessoas
Gols: *Dorado* (12), *Peucelle* (20) e *Stabile* (38 do 1º); *Cea* (13), *Iriarte* (23) e *Castro* (44 do 2º)
Uruguai – *Ballesteros, Nasazzi e Mascheroni; Andrade, Fernandez e Gestido; Dorado, Scarone, Castro, Cea e Iriarte.*
Técnico: Alberto Suppici
Argentina – *Botasso, Della Torre e Paternoster; Juan Evaristo, Monti e Suarez; Peucelle, Varallo, Stabile, Ferreira e Mario Evaristo.*
Técnicos: Juan José Tramutola e Francisco Olazar
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Christophe (Bélgica) e Saucedo (Bolivia)

Lotação e provocações

Os portões do Centenário foram abertos às 8 da manhã. Ao meio-dia, duas horas antes do início do jogo, o estádio já estava lotado. Calcula-se que entre 70 000 e 80 000 pessoas viram a final, porque muita gente entrou sem pagar. Por isso, embora tenha sido o jogo com maior público, não foi o de maior renda. A bilheteria oficial da decisão foi de 30 200 dólares, enquanto a semifinal Uruguai x Iugoslávia arrecadou 35 057 dólares. Ainda pela manhã, o argentino Francisco 'Pancho' Varallo – o mais jovem da Seleção, com 20 anos – procurou a comissão técnica para informar que seu tornozelo estava machucado, sugerindo que outro atleta, em melhor forma, jogasse a final. Como a delegação argentina não tinha médico, foi solicitada às pressas a presença do doutor Campisteguy, médico da equipe uruguaia (e filho do presidente do país). Após um exame pouco minucioso, ele recomendou que o atacante não atuasse, o que provocou suspeitas. Os argentinos resolveram reexaminar Varallo na prática, com chutes numa parede. E decidiram que ele estava em condições de jogo. No fim do primeiro tempo, quando a Argentina vencia por 2 x 1, Varallo tomou uma entrada dura do uruguaio Gestido e deixou o campo se arrastando. Como não havia substituições, o jovem passou o segundo tempo só fazendo número. A partida, aliás, começou com 15 minutos de atraso porque nenhuma das duas equipes queria abrir mão de usar a "sua" bola (a usada na Argentina, mais leve; e a usada no Uruguai, mais pesada). A comissão organizadora resolveu que o jogo teria uma pelota no primeiro tempo e a outra no segundo: a Argentina venceu o sorteio e fez 2 x 1 antes do intervalo. Depois, os uruguaios fizeram 3 x 0 com sua bola e se sagraram campeões.

Com a bênção de Gardel

Na antevéspera da final, Carlos Gardel, o rei do tango, visitou as concentrações da Argentina e do Uruguai e cantou para os atletas dos dois países. O simpático gesto revoltou a Argentina, onde Gardel (já na época o artista mais famoso do país) era considerado "patrimônio nacional", embora fosse francês de nascimento. Já os uruguaios acharam tudo normal, porque o tango também é música tradicional no país.

Travessia frustrada

Dez navios deveriam levar milhares de torcedores argentinos através do Rio da Prata, de Buenos Aires até Montevidéu, para assistir ao jogo final. Mas, devido à pesada neblina, oito embarcações não conseguiram zarpar em tempo, e cerca de 3 000 torcedores só chegaram ao estádio Centenário quando o segundo tempo já estava em andamento.

A volta olímpica

Em 1924, após se sagrar campeões nos Jogos Olímpicos de Paris, os jogadores uruguaios deram uma volta completa no campo, andando pela pista lateral e acenando para os torcedores. O gesto ficou conhecido como volta olímpica e foi repetido nos Jogos de 1928 e na Copa do Mundo de 1930. Depois, foi adotado por todos os países.

O senhor juiz

O belga Jean Langenus era chefe de gabinete do governador da província de Antuérpia e tinha 39 anos em 1930. Apesar do físico avantajado – quase 1,90 metro de altura –, impôs duas condições para apitar a final: que a Fifa lhe fizesse um seguro de vida e que o navio Duilio tivesse a partida retardada em duas horas para ele sair do estádio e embarcar rumo à Europa. No entanto, a forte neblina adiou a viagem para a manhã seguinte. Langenus apitou ainda nas Copas de 1934 e 1938, completando 84 jogos internacionais. E morreu em 1952, aos 61 anos.

DE OLHO NA TAÇA

Só no vestiário

Ao contrário do que se tornaria tradição em futuras Copas, a taça não foi entregue ao capitão do time campeão no campo. Após a partida, o presidente da Fifa, Jules Rimet, levou-a ao vestiário (*foto*) e deu-a ao presidente da Associação Uruguaia de Futebol, Raúl Jude. O dia seguinte ao da final foi proclamado feriado e cada jogador ganhou do governo uma casa como prêmio. Além disso, os 11 vencedores foram agraciados pela Fifa com medalhas de ouro confeccionadas pelo mesmo Abel Lafleur que produziu a taça. Hoje, cada uma vale 105 000 dólares. É o suvenir mais valioso do Mundial de 1930.

O primeiro gol uruguaio: Dorado chuta cruzado e a bola passa entre as pernas do goleiro Botasso

Os gols da final

URUGUAI 1 X 0 – Nenhum lance de grande perigo havia ocorrido quando, aos 12 minutos, o uruguaio *Cea* recebeu uma bola pela meia direita, quase na risca da grande área. Ele conduziu a bola para o centro, perseguido pela defesa argentina e, quando se preparava para chutar, o atacante *Castro* percebeu que o ponteiro *Dorado* havia ficado desmarcado pela direita. *Castro* deu um toque esperto para *Dorado*, que chutou cruzado, com a bola passando entre as pernas do goleiro *Botasso*.

ARGENTINA 1 X 1 – Aos 20 minutos do primeiro tempo, o meia *Ferreira*, capitão da Argentina, recebeu a bola perto da área uruguaia e tocou de primeira para *Peucelle*, que corria de frente para o gol. Com um toque rápido, *Peucelle* evitou a marcação de *Gestido* e acertou um chute forte, no canto esquerdo alto do goleiro *Ballesteros*.

ARGENTINA 2 X 1 – Aos 38 minutos do primeiro tempo, o centromédio argentino *Monti*, quase da linha do meio de campo, deu um passe alto e longo em direção à área uruguaia. *Stabile* correu mais que os zagueiros e chegou antes da cobertura do médio *Andrade*, tocando a bola no meio do gol na saída de *Ballesteros*. O capitão uruguaio *Nasazzi* reclamou aos berros que tanto *Stabile* quanto *Ferreira* estavam impedidos, mas o árbitro *Langenus*, após consultar o bandeirinha *Christophe*, validou o gol. No intervalo, *Nasazzi* foi ao vestiário do juiz e chegou a rabiscar um diagrama na parede para tentar provar – inutilmente – seu ponto de vista.

URUGUAI 2 X 2 – Aos 13 minutos do segundo tempo, *Scarone* dominou a bola fora da área, pela meia esquerda, marcado por dois argentinos. Ao ver a aproximação de *Cea* pelo centro, rolou a bola. *Cea*, de carrinho, concluiu para o meio do gol na saída do goleiro.

URUGUAI 3 X 2 – Aos 23 minutos do segundo tempo, deslocado para o centro do ataque, o ponteiro-esquerdo *Santos Iriarte* recebeu a bola de *Mascheroni* e acertou um fortíssimo chute de 25 metros, que entrou no ângulo direito de *Botasso*.

URUGUAI 4 X 2 – A Argentina pressionava e o gol de empate parecia iminente. Aos 40 minutos, *Andrade* salvou um chute de *Varallo* em cima da risca. Mas, no penúltimo minuto de jogo, o Uruguai atacou e um cruzamento de *Dorado* encobriu o argentino *Della Torre*. Atrás dele, no canto direito da pequena área, *Castro* deu um toque de cabeça e colocou a bola no centro do gol, quase rente ao travessão, por sobre o goleiro *Botasso*.

Os campeões

O Uruguai campeão do mundo em 1930 tinha uma seleção madura, com média de idade de 27 anos. Sua base era o Nacional de Montevidéu (8 dos 22 jogadores convocados). Mas nada menos que oito clubes estavam representados na Seleção: além do Nacional, Peñarol (5 jogadores), Bella Vista (3), Wanderers (2) mais Rampla Juniors, Olympia, Racing Club e Misiones Artigas (1 cada). E a convocação dos atletas das equipes menores não foi só para fazer média: os 11 jogadores que disputaram o jogo final pertenciam a seis clubes diferentes. Confira aqui um pouco da história desses heróis uruguaios.

»Enrique Ballesteros, *25 anos* (18 de janeiro de 1905), do Rampla Juniors. Seria o reserva de Mazzali na Copa, mas o goleiro titular foi cortado por indisciplina e Ballesteros aproveitou bem a oportunidade. Começou a carreira no Misión Artigas em 1924, foi para o Rampla Juniors em 1927 e para o Peñarol em 1935.

»José Nasazzi, *29 anos* (24 de maio de 1901), do Bella Vista. Nasazzi, que já tinha sido o capitão nas Olimpíadas de 1924 e 1928, comandou a Celeste na Copa de 1930. Humilde na origem e no trabalho – durante muitos anos seu emprego era quebrar pedras numa fábrica –, dentro de campo revelava-se um líder de personalidade forte.

»Ernesto Mascheroni, *22 anos* (21 de novembro de 1907), do Olympia. Logo após a Copa, transferiu-se para o Peñarol. Em 1934, foi para a Itália e jogou durante dois anos pela Ambrosiana-Inter de Milão. Disputou duas partidas pela Seleção Italiana. Em 1937, regressou ao Uruguai, para atuar novamente pelo Peñarol.

»José Leandro Andrade, *28 anos* (22 de novembro de 1901), do Nacional. Um médio refinado, cuja fama vinha de longe: em Paris, nas Olimpíadas de 1924, havia recebido dos jornalistas franceses o título de *Maravilha Negra*. Um dos raros atletas que conseguiu ser ídolo dos dois grandes rivais de Montevidéu, Nacional e Peñarol, Andrade carrega ainda a primazia de ter sido o primeiro futebolista negro a encantar o mundo (o Uruguai foi a primeira nação de população predominantemente branca a incluir afrodescendentes em sua Seleção, tanto que, em 1916, o Chile perdeu para os uruguaios por 4 x 0 e tentou anular a partida sob a alegação de que os adversários haviam incluído "dois africanos" na equipe).

»Lorenzo Fernandez, *30 anos* (20 de maio de 1900), do Peñarol. Desde 1928, formava, ao lado de Gestido, uma dupla de defesa que ficou conhecida como Cortina Metálica. Em 1932, marcou o primeiro gol da era profissional do futebol uruguaio, contra o Nacional. Jogou durante oito anos na Seleção e foi campeão olímpico em 1928, mundial em 1930 e sul-americano em 1926 e 1935.

»Alvaro Gestido, *23 anos* (17 de maio de 1907), do Peñarol. Começou no Solferino de Montevidéu. Nunca foi considerado craque, mas estava no lugar certo na hora certa. Jogou apenas três anos pela Seleção e foi campeão olímpico (em 1928) e mundial (em 1930). No Peñarol, atuou por 11 anos – de 1927 a 1938 – e ganhou sete títulos nacionais.

»Pablo Dorado, *22 anos* (22 de junho de 1908), do Bella Vista. Praticamente desconhecido até mesmo no Uruguai antes da Copa, entrou no segundo jogo, contra a Romênia, quase por imposição da imprensa local, que não poupou críticas ao titular – Santos Urdinarán, do Nacional – na estréia contra o Peru. Na final, marcou o primeiro gol do time da casa, mas sua carreira não evoluiu nos anos seguintes e Dorado só arrumou vaga em clubes menores de Montevidéu.

»Héctor Pedro Scarone, *31 anos* (26 de novembro de 1898), do Nacional. Apelidado de *El Mago*, jogou as quatro partidas do Uruguai na Copa e foi o vice-artilheiro, com 5 gols. Já trazia no currículo o fato de ser um dos primeiros sul-americanos a se transferir para a Europa (atuou no Barcelona em 1925 e 1926). Após se aposentar como jogador, tornou-se técnico e, em 1938, dirigiu o Vasco da Gama. Scarone é um dos dois únicos campeões do mundo nascidos no século 19. O outro é Domingo Tejera (22 de julho de 1899), do Wanderers, que só participou do primeiro jogo, contra o Peru (curiosamente, seu sobrinho, Eusebio Ramon Tejera também ganhou uma Copa, a de 1950).

»Héctor Castro, *25 anos* (29 de novembro de 1904), do Nacional. Seu apelido era *El Manco*, por não ter a mão direita, perdida num acidente com uma serra elétrica quando era criança. Colega de Pedro Cea desde os tempos do Lito F.C., um time de bairro, foi junto com o amigo para o Nacional, único clube que defendeu (encerrou a carreira aos 32 anos, em 1936). Marcou dois gols vitais na campanha de 1930: o único da vitória contra o Peru e o último da final contra a Argentina. Quando parou de jogar, virou técnico – do próprio Nacional.

»José Pedro Cea, *29 anos* (1º de setembro de 1900), do Nacional. Iniciou a carreira no Nacional em 1923. Antes da Copa de 1930 já tinha sido bicampeão olímpico e tricampeão sul-americano, em 1923, 1924 e 1926. Foi o único presente em todas as partidas dos três títulos uruguaios em 1924, 1928 e 1930. Parou de jogar em 1935 e tornou-se comentarista de rádio.

»Victoriano Santos Iriarte, *27 anos* (2 de novembro de 1902), do Racing Club. Ponteiro-esquerdo famoso por uma única característica – o chute fortíssimo de longa distância –, Iriarte fez jus à fama ao marcar o terceiro gol da final. Assim como o ponteiro-direito Dorado, Iriarte também não fez sucesso após a Copa (encerrou a carreira no próprio Racing Club em 1937, aos 35 anos).

Amargo regresso

De volta ao Brasil, a Seleção (com o acréscimo de atletas de timas paulistas) fez três amistosos e ganhou todos. Ficou aquele gostinho esquisito de que a campanha na primeira Copa do Mundo poderia ter sido bem melhor

No dia 25 de julho, a delegação brasileira se despediu de Montevidéu e retornou ao Rio de Janeiro no navio Sierra Morena (que, apesar do nome, era de bandeira alemã). Joel e Teóphilo, que haviam sido os últimos a viajar para Montevidéu, foram também os primeiros a voltar, no dia 22, por questões particulares. Às 11h30 da manhã do dia 29, o Sierra Morena aportou no Rio e foi recebido por todos os dirigentes da CBD, incluindo o presidente Renato Pacheco, e por centenas de torcedores.

Ainda durante a Copa, o Fluminense havia acertado um amistoso com a França. E o vice-presidente do clube, Mario Pollo, teve a sensatez que faltara à CBD: convidou jogadores paulistas para participar. Além disso, convidou também atletas de outras equipes cariocas e conseguiu autorização para usar a camisa da Seleção. Assim, em 1º de agosto de 1930 Brasil e França se enfrentaram no Estádio das Laranjeiras. Com quatro cariocas e sete paulistas, o Brasil venceu por 3 x 2 (com 2 gols de Heitor, do Palestra Itália, e 1 de Friendereich, do São Paulo da Floresta). Com a desculpa de que o jogo tinha sido acertado com um clube, e não com a CBD, a Federação Francesa considera até hoje esse confronto como não oficial.

A feliz idéia dos dirigentes do Fluminense de reunir paulistas e cariocas poderia ser o início de uma fase de entendimentos entre a CBD e a Apea. Mas não foi. No mesmo dia 1º de agosto, o Conselho de Julgamento Disciplinar da CBD emitiu nota oficial suspendendo a Apea de todas as competições interestaduais e internacionais por oito meses, sete dias e doze horas! Com a suspensão dos paulistas, o Brasil enfrentou a Iugoslávia, dia 10 de agosto, no Rio, só com cariocas e fluminenses. A vitória por 4 x 1, com gols de Carvalho Leite (2), Benedicto e Russinho, só fez doer ainda mais a derrota sofrida no Mundial, porque mostrou que a Iugoslávia era mesmo um time limitado. Tão limitado que, na semana anterior, contra o Santos, havia levado uma inglória goleada de 6 x 1 – com Feitiço fazendo 4 gols para o time da casa.

No domingo (17), a Seleção derrotaria os Estados Unidos, semifinalistas da Copa, por 4 x 3 (gols de Carvalho Leite, Doca, Preguinho e Teóphilo). Terminado o torneio internacional, os americanos fizeram uma pequena excursão: dois amistosos no Uruguai, três na Argentina e três no Brasil, sendo os dois primeiros em São Paulo. No dia 9, empate com o Santos (3 x 3) e no dia 10, derrota para o São Paulo da Floresta (5 x 3). A suspensão imposta pela CBD à Apea não chegara a durar 15 dias, porque os paulistas alegaram que os jogos tinham sido marcados antes da punição. Mas o resto da pena – incluindo as 12 horas – foi cumprido integralmente.

Novos craques

Na Seleção de 1930, Fausto era o único negro. Apesar de

Membros da delegação na viagem de navio para o Uruguai: depois do fiasco, hora da renovação

constituir uma parcela representativa da população, **os negros** foram deixados à margem dos campos de futebol no início do século 20. Alguns poucos conseguiram se destacar, mas, para tanto, tiveram de disfarçar sua origem. Em São Paulo, o mestiço Friedenreich passava horas antes dos jogos engordurando e alisando o cabelo. No Rio, o mulato Carlos Alberto escondia a cor da pele aplicando pó de arroz no rosto (atitude que deu origem ao histórico apelido de seu time, o Fluminense). Mas já naquela época o futebol era uma das raras oportunidades de melhorar de vida para milhares de homens descendentes de escravos. E foi nos anos 30 que os negros começaram a dar ao nosso futebol a ginga (palavra de origem africana) que acabaria por torná-lo famoso no mundo inteiro.

O Brasil foi o último país da América do Sul (e um dos últimos do mundo) a abolir a escravidão negra. Fez isso em 1888, mesmo assim contra a vontade das elites, e sem nenhum plano para integrar os recém-libertos à sociedade. Dessa maneira, uma enorme classe pobre – estima-se que entre 3 e 4 milhões de negros tenham sido trazidos da África durante os 300 anos da escravatura – teve de se alojar nas periferias das cidades.

Em dezembro de 1932, a Seleção Brasileira jogou contra o Uruguai em Montevidéu. E, mais uma vez, só tinha cariocas no time, já que São Paulo ainda vivia o trauma da rendição após a Revolução Constitucionalista (não satisfeitos em brigar com a CBD, os paulistas tinham voltado suas baterias também contra o governo federal). Mesmo desfalcado, o escrete nacional venceu os uruguaios de forma surpreendente, em pleno Estádio Centenário, por 2 x 1. As grandes figuras da partida foram dois negros: o zagueiro Domingos da Guia, 20 anos, do Vasco, e o atacante Leônidas da Silva, 19 anos, do Bonsucesso, autor dos 2 gols. Impressionados, os dirigentes do Peñarol imediatamente contrataram Leônidas (o Brasil ainda não havia implantado o profissionalismo, o que só aconteceria em março de 1933, mas o futebol do Uruguai já era profissional desde agosto de 1932). A grande vitória no campo inimigo fez nascer nos brasileiros a convicção de que uma nova geração de craques estava surgindo e que, com ela, seria possível vencer a Copa de 1934.

FAUSTO

Maravilha Negra

Melhor jogador brasileiro no Mundial, *Fausto dos Santos Nascimento*, centromédio, jogou só seis vezes pela Seleção (e apenas duas dessas partidas foram oficiais, as da Copa de 1930). Maranhense de Codó, nascido em 28 de janeiro de 1905, Fausto mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em 1920 e começou a jogar no Bangu, em 1926, como centroavante. Transferiu-se em 1928 para o Vasco, onde foi campeão carioca de 1929. Numa excursão pela Europa, em 1931, foi contratado pelo Barcelona, que o emprestou ao Young Fellows, de Zurique (Suíça). Dizendo-se discriminado por ser negro, retornou ao Rio e ao Vasco em 1933, para ser campeão carioca novamente no ano seguinte. Em 1935, fez seu último jogo pela Seleção, em São Januário, contra o River Plate, da Argentina. Sua boa atuação convenceu os dirigentes do Nacional a contratá-lo, mas Fausto ficou menos de um ano em Montevidéu. Um problema respiratório crônico – agravado por noitadas e pelo descuido com a própria saúde – já não lhe permitia atuar em climas frios. Em 1936, o jogador foi para o Flamengo, onde disputou os últimos 76 jogos da carreira. Dois anos depois, desentendeu-se com o técnico húngaro Dori Kruschner que, percebendo a fragilidade dos pulmões do atleta, decidiu recuá-lo para a zaga, onde poderia jogar mais parado. Fausto não concordou com a mexida e foi para a reserva. Embora pouco entrasse em campo, ainda era atleta do Flamengo em dezembro de 1938, quando foi internado no Sanatório São Sebastião para tratamento de uma tuberculose, doença que lhe tirou a vida em 28 em março de 1939, aos 34 anos.

Há uma frase constantemente repetida em publicações brasileiras sobre a Copa de 1930: "O talento de Fausto foi consagrado pela imprensa internacional, que lhe concedeu o apelido de *Maravilha Negra*". Por conta dessa frase, Fausto é costumeiramente escalado na seleção ideal da Copa. Mas quando, exatamente, Fausto teria recebido essa homenagem? Certamente não foi após o primeiro jogo, em que a atuação da equipe nacional rendeu poucos elogios. Nem foi depois da vitória sobre a Bolívia, que despertou pouca atenção da crônica e dos torcedores. O que se sabe é que em 26 de julho – seis dias depois da desclassificação do Brasil e véspera da chegada ao Rio – os jornais cariocas publicaram a seguinte nota:

"Fausto, o centromédio patrício, empolga neste momento todas as atenções esportivas do Uruguai. Longe estão nossos patrícios de calcular o que tem sido a atuação de Fausto em Montevidéu. Sua eficiência superou qualquer expectativa. O público uruguaio consagrou-o como o mais completo jogador de sua posição. E a multidão não sabe o que mais admirar em Fausto: se a força, se o domínio que ele tem sobre o couro sem se mexer do lugar, ou se 'a maneira delicada como ele faz as jogadas'. Fausto foi, justamente, denominado 'A Maravilha Negra' do Campeonato".

Fausto: tudo indica que o atacante do Vasco foi "promovido" pelo jornalista oficial da delegação brasileira

Muito provavelmente o autor da nota foi o jornalista oficial da delegação brasileira, Octávio Antonio da Silva. Sua principal função era gerar notícias para os jornais daqui, já que quase nenhum pôde mandar jornalistas até Montevidéu. A nota foi telegrafada no dia em que o Brasil embarcava de volta, para ajudar a gerar um clima positivo, pois a CBD havia decidido oferecer "uma recepção digna de verdadeiros patriotas" aos nossos craques. No momento em que a nota sobre Fausto era redigida, o clima no Uruguai era de expectativa pelas duas semifinais (envolvendo os donos da casa e os rivais argentinos) e é difícil acreditar que um jogador de qualquer outra equipe pudesse estar empolgando "todas as atenções esportivas".

É mais provável que a inspiração de Octávio tenha vindo de uma avaliação feita pelo jornal uruguaio *El País*, em 22 de julho, sobre as equipes já desclassificadas. Entre outros destaques, a reportagem citava que Fausto, em alguns momentos, lembrava o delicado estilo de Andrade, o médio uruguaio. Como ele tinha o apelido de *Maravilha Negra* desde a Olimpíada de 1924, Octávio promoveu Fausto a *Maravilha Negra* do campeonato e *El País* a "imprensa internacional", num exagero ufanista que perdura até hoje, já que a lenda era melhor – ou mais conveniente – que a história.

PREGUINHO

Atleta múltiplo

Autor do histórico primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo, *João Coelho Neto*, o *Preguinho*, nasceu no Rio de Janeiro em 8 de fevereiro de 1905, filho do escritor parnasiano Henrique Maximiano Coelho Neto, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. *Preguinho* chamava a atenção por ser um atleta de múltiplas habilidades: além do futebol, defendeu o Fluminense em várias outras modalidades esportivas, incluindo saltos ornamentais, hóquei sobre patins e atletismo – e se destacou em todas elas, conseguindo 385 medalhas e 57 títulos. Começou a jogar bola nas categorias inferiores do tricolor aos 16 anos. Foi quatro vezes campeão carioca, duas na era do amadorismo e duas como profissional (o bicampeonato de 1937 e 1938). Aos 25 anos, foi o capitão da Seleção Brasileira na Copa de 1930. *Preguinho* jogou pelo time nacional até 1934 e pelo Fluminense até 1939, quando encerrou a carreira, aos 34 anos. Além de ser um dos maiores artilheiros, com 184 gols, é também o segundo maior cestinha do basquete do clube. Essa incrível aptidão esportiva teve origem em dois fatos. O primeiro foi um drama familiar. Os seis irmãos de *Preguinho* morreram recém-nascidos e ele, o sétimo filho de Coelho Neto, foi o primeiro a sobreviver. O segundo é que seu pai era torcedor doente do Fluminense e até escreveu a letra para o primeiro hino extra-oficial do clube, em 1915 (o poema começa, de forma bem parnasiana, com "O Fluminense é um crisol"). Compreensivelmente preocupado com a saúde e o condicionamento físico do garoto, Coelho Neto começou a levá-lo ao estádio das Laranjeiras quando ainda engatinhava. E incentivou-o a usar, sempre que possível, as pistas de atletismo, as piscinas, as quadras e o campo de futebol. O interessante é *Preguinho* (que, em 1930, era chamado pela imprensa de *Prego* – o inho veio depois) era a terceira opção para o comando do ataque da Seleção. Se não fosse a encrenca entre a CBD e a Apea, é provável que nem tivesse jogado no Uruguai. *Preguinho* morreu aos 73 anos, em 30 de setembro de 1979, quando ainda era freqüentador assíduo do Fluminense.

Preguinho: 57 títulos e 385 medalhas em competições de futebol, atletismo, hóquei sobre patins, saltos ornamentais...